

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES**

DOMINGOS DO CARMO SIQUEIRA DA ROCHA

ARTE PÚBLICA: COSTUME DE SALA VAI À PRAÇA

**MANAUS – AM
2026**

DOMINGOS DO CARMO SIQUEIRA DA ROCHA

ARTE PÚBLICA: COSTUME DE SALA VAI À PRAÇA

Dissertação apresentada por Domingos do Carmo Siqueira da Rocha ao Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES, da Universidade Federal do Amazonas - UFAM e Universidade do Estado do Amazonas - UEA, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Artes.

Orientação: Profª Dra. Eneila Almeida dos Santos
Linha de Pesquisa: Abordagens e Metodologias para o Ensino da Arte.

**MANAUS – AM
2026**

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

-
- R672a Rocha, Domingos do Carmo Siqueira da
 Arte pública: costume de sala vai à praça / Domingos do Carmo
 Siqueira da Rocha. - 2026.
 72 f. : il., color. ; 31 cm.
- Orientador(a): Eneila Almeida dos Santos.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas,
 Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes, Manaus, 2026.
1. Arte pública. 2. Ensino de arte no Amazonas. 3. Espaço
 urbano. 4. Educação patrimonial. I. Santos, Eneila Almeida dos. II.
 Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação
 Profissional em Artes. III. Título
-

DOMINGOS DO CARMO SIQUEIRA DA ROCHA

ARTE PÚBLICA: COSTUME DE SALA VAI À PRAÇA

Dissertação apresentada à Banca de Defesa do Programa de Mestrado Profissional em Artes - ProfArtes/UFAM/UEA, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Arte.

Linha: Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes.

Orientadora: Prof^a Dr^a Eneila Almeida dos Santos

Aprovado em: 30 / 04 / 2026

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientadora: Prof^a Dr^a Eneila Almeida dos Santos

Membro: Prof^a Dr^a Maria Evany do Nascimento

Membro: Prof. Dr. Francisco Carneiro da Silva Filho

Suplente: Prof. Dr. Elias Souza Farias

Suplente: Prof^a Dr^a Gislaïne Regina Pozzetti

**MANAUS
2026**

DEDICATÓRIA

À minha Família, meu porto
seguro de todos os momentos.

À minha esposa Marinês, aos meus filhos
Diego e Ricardo.

Às minhas irmãs Salomé, Laura (em memória),
Miraci, Dercy e Marlene.

Aos meus pais: Maria do Carmo (em memória)
e Manoel Joaquim (em memória).

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente Àquele que segura minhas mãos e que me ampara: Deus! E à Nossa Senhora Aparecida, minha Intercessora!

À minha mãezinha, que hoje mora no meu coração, que pela sua sabedoria nata, me deixou um legado de amor.

Ao meu pai querido, que na sua humildade de homem simples, deixou-me ensinamentos que servirão para a minha vida inteira.

Agradeço às minhas irmãs corujas, Laurita (em memória), Salomé, Miraci, Dercy e Marlene, pelo amor e carinho incondicional.

Um agradecimento especial à minha esposa Marinês, que eu amo, companheira de todas as horas, pela paciência e incentivo nessa minha jornada.

Aos meus filhos, Diego e Ricardo, que me ensinaram e me fizeram compreender o sentido do amor e de me fazerem levantar quando tantas vezes pensei em desistir.

Um agradecimento também muito especial à minha Orientadora, profª Dra. Eneila, pela aposta em mim, pela paciência incalculável, mas sobretudo pela sua compreensão e certeza na sua aposta de que eu conseguiria chegar até o fim.

Ao amigo, professor Dr. Jackson Colares, em particular, meu contemporâneo de graduação, pelo apoio e incentivo permanente à nossa formação.

Ao programa ProfArtes, que possibilita ao professor da rede pública oportunidade dessa formação, na pessoa do professor Renato e toda sua equipe de professores, da Ufam e UEA, que juntos contribuem para o nosso crescimento.

Agradeço também à Diretora da minha escola, profª Maurilene, à Pedagoga, profª Ormandina e à colega e minha colaboradora no meu projeto, profª Mara, minha escola do coração que serviu de base para o meu projeto.

A todos(as) os(as) meus(minhas) amigos(as) artistas, que seja a Arte esse amálgama que nos une e, parafraseando o grande Vinícios de Moraes: “Que seja nossa amizade ARTE enquanto dure!”

Meu muitíssimo OBRIGADO a todos e todas!!!

RESUMO

A pesquisa do Mestrado Profissional em Artes, intitulada Arte Pública: costume de sala vai à praça, teve o propósito de explorar o potencial artístico da arte pública, instalada em praças, do centro da cidade de Manaus, para promover processos de pesquisa, experimentação e mediação arte/público, com estudantes de uma escola pública dos Anos Finais do Ensino Fundamental de Manaus. Por meio da pesquisa-ação, foram realizados estudos, mapeamento das obras públicas e registros, que serviram de material visual para processos de mediação cultural. Espera-se como resultado que essa investigação das obras de arte pública de Manaus contribua para a produção acadêmica sobre a temática, e que subsidie a promoção de práticas pedagógicas no ensino de Arte, sobretudo com jovens da rede pública, a começar pela valorização do espaço público, tendo praças e ruas que juntas comportam obras clássicas e arte urbana contemporânea, a partir de uma leitura crítica da cidade, da arte pública e seus processos históricos locais, assim como seu sentimento de pertencimento e uma educação patrimonial capaz de educá-los(as) a ponto de compreenderem a arte pública como um bem coletivo, pertencente a todos(as), assim como seu papel social na vida da cidade. A fundamentação teórica reuniu autores que discutem as relações entre arte, espaço urbano e sociedade, como Henri Lefebvre, Paulo Freire, Vera Pallamin e José Francisco Alves, que tratam das discussões do espaço público, cidade e arte pública; enquanto, Giulio Carlo Argan e Jorge Coli tratam da arte na sua dimensão histórico-social. E, na contextualização histórica, cultural e artística da cidade de Manaus e da Amazônia como um todo, apresento autores como Otoni Mesquita, Patrícia Sampaio, José Pedro Regatão, Maria Evany do Nascimento, F. P. Silva e Pilar Pinheiro Sanches que, juntos, articulam estudos voltados para esses três elementos: arte, cidade e espaço público.

Palavras-chave: Arte pública. Ensino de Arte no Amazonas. Espaço urbano. Educação patrimonial.

ABSTRACT

The research of the Professional Master's Degree in Arts, entitled Public Art: costume from the room goes to the square, had the purpose of exploring the artistic potential of public art, installed in squares, in the center of the city of Manaus, to promote processes of research, experimentation and mediation between art and the public, with students from a public school in the Final Years of Elementary School in Manaus. Through action research, studies, mapping of public works and records were carried out, which served as visual material for exhibition processes. It is expected as a result that this investigation of the works of public art in Manaus will contribute to the academic production on the subject, and that it will subsidize the promotion of pedagogical practices in the teaching of Art, especially with young people from the public network, starting with the valorization of public space, having squares and streets that together hold classic works and contemporary urban art, from a critical reading of the city, public art and its local historical processes, as well as their sense of belonging and a heritage education capable of educating them to the point of understanding public art as a collective good, belonging to all, as well as their social role in the life of the city. In addition to my methodological basis in Michel Tiollent, the theoretical foundation also brought together authors who discuss the relations between art, urban space and society, such as Henri Lefebvre, Paulo Freire, Vera Pallamin and José Francisco Alves, who deal with discussions of public space, city and public art; while Giulio Carlo Argan and Jorge Coli deal with art in its historical-social dimension. And in the historical, cultural and artistic contextualization of the city of Manaus and the Amazon, as a whole, I present authors such as Otoni Mesquita, Patrícia Sampaio, José Pedro Regatão, Maria Evany do Nascimento, F. P. Silva and Pilar Pinheiro Sanches, who together articulate studies focused on these three elements: art, city and public space.

Keywords: Public art. Art Teaching in Amazonas. Urban space. Heritage education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Monumento à Abertura dos Portos às Nações Amigas (1899).....	22
Figura 2 – Mural em grafite do antigo prédio do Ministério da Fazenda, no Centro de Manaus.....	28
Figura 3 – Teatro Amazonas.....	34
Figura 4 – Grafite do artista Alessandro Hipz, na lateral no Hotel Amazonas, no centro de Manaus.....	36
Figura 5 – Grafite na orla de Manaus.....	36
Figura 6 — Grafite do Artista Raiz Campos, Elevado Darcy Vargas	43
Figura 7 – Registros fotográficos da etapa de socialização	46
Figura 8 – Registros da socialização.....	47
Figura 9 – Registro da socialização	47
Figura 10 – Registro da socialização.....	48
Figura 11 – Registro da socialização.....	48
Figura 12 – Vista aérea da Praça Heliodoro Balbi.	55
Figura 13 – Registros fotográficos da visita à Praça Heliodoro Balbi.....	56
Figura 14 – Imagens das atividades no percurso da Avenida Eduardo Ribeiro, Praça da Saudade e Praça da Matriz.....	57

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Esquema metodológico do percurso exploratório.....	41
Gráfico 2 – Esquema metodológico dos preparativos para a visita de campo	51
Gráfico 3 – Esquema metodológico das atividades de campo	52
Gráfico 4 – Esquema metodológico das atividades na escola.....	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIHHUAM – Associação Intercultural de Hip-Hop Urbanos da Amazônia

CUFA-AM – Central Única das Favelas do Amazonas

ECA – Escola de Comunicação e Artes

FVA – Fundação Vitória Amazônica

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INPA – Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia

PROFARTES – Mestrado Profissional em Artes

UA - Universidade do Amazonas

UEA – Universidade do Estado do Amazonas

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UNESP – Instituto de Artes da Universidade Estadual

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

MEMORIAL: Por entre pontos de partidas e caminhadas

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I: Arte e Arte pública: aproximações conceituais	22
CAPÍTULO II: Arte pública na cidade de Manaus: da Belle Époque às produções atuais.	28
2.1 Manaus: a magia dos encontros.....	34
2.2 Arte e os(as) artistas urbanos.	35
CAPÍTULO III: Processos metodológicos e suas operacionalizações.....	40
3.1 Percurso exploratório.....	41
3.2 Etapa da primeira socialização.....	45
3.3 Da sala à praça.....	49
3.3.1 Uma aventura inusitada.....	51
3.4 Da praça à escola: segunda socialização	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	63
ANEXOS.....	65
APÊNDICE A.....	66
APÊNDICE B.....	71

MEMORIAL: Por entre pontos de partidas e caminhadas

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher.

(Cora Coralina, 1997)

Sou amazonense, nascido na cidade de Manaus, artista visual, professor de Arte e egresso do curso de Educação Artística (Desenho) pela Universidade do Amazonas (UA), atualmente Universidade Federal do Amazonas. Minha trajetória profissional é marcada por vivências em muitos espaços, que serviram de alicerce nessa caminhada.

A minha formação artística iniciou na infância, quando envolvido pelas programações de desenhos animados e filmes da TV, já arriscava os primeiros traços - minhas primeiras representações gráficas. Essas percepções formaram um jogo de memórias visuais que moldaram minhas primeiras representações do mundo, a partir das imagens televisivas e das histórias em quadrinhos aos quais eu tinha acesso. Na época em que eu fazia meu curso primário (atualmente 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental), já era requisitado para fazer desenhos artísticos para ilustrar diversos materiais de minha escola. Fiz meu primário na Escola SESI, no bairro São Jorge em Manaus (1974), que nos propiciava o contato com eventos culturais, como os filmes de Mazzaropi, as apresentações solo de violino do saudoso maestro Nelson Eddy. Esses foram meus primeiros contatos com duas das linguagens da arte: música e cinema.

No Ensino Médio estudei na Escola Técnica Federal do Amazonas (atualmente Instituto Federal), onde me formei no curso Técnico em Edificações (1984). Esse curso aprimorou meus conhecimentos técnicos em desenho, especialmente o arquitetônico, que se consolidaram quando iniciei o estágio - que depois se tornou o meu primeiro emprego - me especializando como desenhista projetista. Nessa experiência, pude atuar com outros profissionais em projetos de construção e reformas de prédios, sendo um deles, a reforma do Teatro Amazonas. Também atuei no primeiro projeto de construção do Bumbódromo de Parintins, palco dos festivais folclóricos de boi-bumbá realizados anualmente nesse município,

auxiliando com os meus desenhos o arquiteto Paulo Emílio Galvão, com o qual aprendi muito nesse campo.

O período em que trabalhei com projetos de arquitetura foi extremamente importante do ponto de vista do aprendizado técnico, que posteriormente contribuiu na minha formação acadêmica na graduação de Educação Artística - habilitação em Desenho (1991), na Universidade do Amazonas - UA. Contudo, ainda antes da faculdade eu já fazia cursos livres de desenho arquitetônico, de pintura, dentre os quais com o saudoso pintor amazonense Moacir Andrade, além de outros cursos, pois sempre busquei processos de autoformação na área artística. Por ocasião desse período, também atuei como professor substituto de Arte, na Escola Técnica Federal do Amazonas (1989), que se tornou uma experiência diferente, pois foi na docência, onde ministrei aulas de serigrafia e entalhe em madeira em cursos técnicos.

Posteriormente (1991-1996) atuei na Fundação Vitória Amazônica (FVA), coordenando uma equipe de educação ambiental no projeto Sauim-de-Coleira. O projeto tinha parceria com outras instituições locais, como o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia - INPA, e consistia em trabalhar conceitos de educação ambiental através da arte, com estudantes do Ensino Fundamental da rede pública de Manaus, e que tinha também por objetivo a implantação do Parque Municipal do Mindu, situado no bairro Parque 10.

Para a sua inauguração, chegou a Manaus um grande navio, todo em madeira, na forma de caravela, chamado GAIA, que significa “Mãe Terra”, trazendo mais de 150 crianças de várias partes do mundo, que também trouxeram várias pedras de seus respectivos países e construíram nas dependências do parque o monumento simbólico chamado “Monumento à Fertilização”. Em relação ao projeto da referida fundação, produzi inicialmente uma cartilha de educação ambiental, contendo minhas ilustrações, sem os recursos de computação gráfica, ainda escassos naquela ocasião, que eram entregues aos(às) estudantes como uma espécie de guia do parque, com imagens e informações da nossa fauna e flora.

Além da cartilha, o projeto contou com uma equipe de artistas locais, e realizamos um trabalho artístico de grande relevância, articulando arte e educação ambiental. Diariamente, nossa equipe levava estudantes de escolas públicas para o Parque do Mindu, e lá participavam de palestras voltadas ao contexto cultural local e temas ecológicos, de caminhadas pelas trilhas construídas no Parque. No percurso das trilhas, a nossa equipe se transformava em personagens típicos daquele ambiente

de floresta (capivara, o Sauim-de-Coleira, que foi o nosso carro-chefe e que deu origem ao nome do parque, dentre outros animais), e surgiam subitamente fazendo performances nas trilhas, para a surpresa dos(as) estudantes. Nesse processo, também fazíamos jogos interativos nas clareiras do Parque, onde montávamos troncos de árvores para simular palcos e bancos para se sentarem e, para apresentação de teatro de fantoches de forma interativa com os(as) estudantes, que saíam de lá encantados e entusiasmados.

Além de todo esse trabalho realizado no Parque Municipal do Mindu, pela FVA, também tive a experiência de trabalhar com comunidades ribeirinhas do Baixo Rio Negro, e em um projeto que visava a consolidação do Parque Nacional do Jaú, hoje efetivamente consolidado e localizado entre os municípios de Novo Airão e Barcelos. Nossa equipe de educação ambiental realizava várias oficinas de artes – sempre com temáticas de cunho ambiental. Em Novo Airão chegamos a participar de um dos festivais do peixe-boi, uma festa anual e tradicional da cidade, onde confeccionamos, além das pinturas temáticas e ornamentos diversos, dois grandes peixes-boi, feitos a partir de estrutura de cipó, fibras vegetais da região e recoberto com tecido.

Através da FVA também participei de uma oficina de produção de vídeo em Paris/FR (1996), onde pude conhecer um projeto local chamado, *Os Cinco Sentidos*, em que crianças trabalhavam as questões do tato, olfato, paladar, visão e audição. Esse projeto visava compreender todo esse processo sinestésico que nos envolve enquanto seres humanos com a natureza.

Essas diferentes experiências de interação com os(as) estudantes, me fizeram compreender as necessidades básicas dos trabalhos de um arte-educador, que podem extrapolar os limites físicos da escola para explorar outros espaços, como parques, praças ou mesmo outras instituições não escolares, como os museus.

No campo da educação escolar, a minha experiência como professor iniciou em Manaus nos anos de 1980, mas foi em São Paulo onde pude adentrar de forma mais articulada na docência com o componente Arte, como professor na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, e na Secretaria Estadual de Educação por cerca de 10 anos (2002-2012), até voltar para Manaus, em 2012, onde dei continuidade profissional como professor na Secretaria Municipal de Educação de Manaus.

Portanto, a motivação e interesse para fazer um mestrado em Artes começou a se delinear ainda em São Paulo, ocasião em que participei de algumas disciplinas como aluno especial na Escola de Comunicação e Artes da USP - ECA (1997) e no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista - UNESP (2004 e 2005). Essas experiências me chamaram a atenção para as várias possibilidades de temas a serem explorados na pesquisa em artes, dentre elas a temática da arte pública, que foi uma das disciplinas cursadas, ainda como aluno especial no Instituto de Artes da Unesp, e que se tornou objeto do meu interesse desde então, e que hoje se torna realidade da minha pesquisa de Mestrado.

Desta forma, assim como pontuei na epígrafe deste memorial, dialogando com Cora Coralina, são por esses pontos de partidas e caminhadas que nos formamos, e esse “caminhar cotidiano de cada um(a) de nós” é o que vale.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Artes, intitula-se **Arte Pública: costume de sala vai à praça**, e se justificou pela necessidade de explorar o potencial artístico da arte pública, instalada em praças do centro da cidade de Manaus, assim como as pinturas murais e empenas¹ nos vários prédios espalhados em suas adjacências. Sua finalidade se direcionou para promover processos de pesquisa sobre arte pública, experimentação estética e mediação entre arte e público no contexto da Educação Básica, com estudantes de uma escola pública dos Anos Finais do Ensino Fundamental de Manaus. O estudo buscou, sobretudo, ampliar as possibilidades pedagógicas do ensino de arte a partir dessa temática, comumente restrita ao espaço da sala de aula, para proporcionar uma forma diferenciada de acesso às artes pelos(as) estudantes, bem como a leitura e fruição de arte pública, *in loco*, presente na cidade em que vivem.

No campo da produção acadêmica sobre essa temática temos produções bastante significativas que versam sobre esse tema. Os marcos teóricos estabelecidos para o suporte conceitual da pesquisa se assentam em categorias que dialogam com o conceito de arte e arte pública. No campo da arte propus o diálogo com os estudos de alguns autores como Coli (1995) e Pareyson (1996), que ajudaram na compreensão da arte, que vai para além do seu campo conceitual. Nessa mesma direção, outros autores como Alves (2008), Lefebvre (2001), Pallamin (2000), Silva (2005), Mesquita (2019), Nascimento (2003), Regatão (2003;2015), bem como Argan (1998), nos seus estudos para a compreensão da relação entre arte e cidade em perspectiva histórica, entre outros, que mantêm juntamente com suas produções essa relação com os espaços públicos.

Portanto, as investigações acerca dessas questões, embora com vários estudos acadêmicos mais aprofundados, que abordam a relação arte, cidade e espaço público, se justificam por ser relevante para se pensar o potencial artístico presente no espaço urbano da cidade de Manaus, visando fomentar estudos e pesquisas na área, ainda que no contexto amazônico, mas particularmente com possibilidades de uma perspectiva pedagógica. Logo, a partir do conceito de arte pública é estabelecido a relação teoria/prática na ação docente no campo do ensino

¹ Paredes externas dos edifícios, parte cega na qual não há janelas, e onde são pintados os grafites em grande escala.

de arte. Tal relação se refere à reflexão sobre o potencial artístico presente nas cidades, especificamente em Manaus, e na possibilidade de aproximar os(as) estudantes da Educação Básica nesse universo.

O estudo realizado está articulado à linha de pesquisa *Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes*, do mestrado Profissional em Artes - ProfArtes, cuja proposta desenvolvida correspondeu ao planejamento e execução do projeto **Arte Pública: costume de sala vai à praça**, que foi realizado com estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental de uma escola pública de Manaus em 2025.

Considerando essa proposta, é importante pensar o espaço que serviu de campo experimental para os(as) estudantes – uma praça do centro da cidade de Manaus e ruas adjacentes. Isso nos leva a refletir, necessariamente, sobre a democratização do acesso às artes, em que devemos considerar as diversas formas de acesso das pessoas, o que inclui questões que vão desde a estrutura física da cidade, a mobilidade urbana que ela proporciona à sua população, sua arquitetura, seus espaços de arte, suas praças, suas instâncias públicas, suas obras de arte pública, seus acervos, sua manutenção e uma série de outros fatores, imprescindíveis para o fomento de uma cultura local, capaz de atrair e seduzir sua gente como público fruidor de arte.

Inserir os(as) estudantes da Educação Básica no universo das obras de arte pública é uma tarefa que supera as meras apresentações de um tema proposto, pois quando pensamos no componente Arte, cujas limitações do tempo escolar são uma questão à parte, essas condições demandam a construção de estratégias pedagógicas, o que nos levou a pensar em outros planos para garantir a realização de projetos mais amplos.

Isso se diz, pois é necessário pontuarmos inicialmente essa questão, pois a sala de aula não é desafiadora apenas porque há que se lidar com crianças e adolescentes em formação, mas porque a depender dos métodos de ensino, a sala de aula, enquanto espaço de trabalho, se apresenta limitado quando não se possibilita a vivência em outros espaços, que não somente o ambiente escolar. Nesse caso, está se falando basicamente de uma estrutura de ensino nas escolas, que não favorece aos(às) estudantes terem experiências em diferentes espaços, pois comumente se limitam à sala de aula. Com essa pesquisa reconhecemos a própria cidade como um espaço educativo, e a arte pública como um elemento

central na formação sensível, crítica e cultural dos(as) estudantes.

Considerando o exposto, o objetivo geral da pesquisa buscou investigar o potencial artístico da arte pública do centro da cidade de Manaus, no desenvolvimento de pesquisa, experimentação e mediação arte/público, com estudantes de uma escola pública dos Anos Finais do Ensino Fundamental. De modo específico foram estabelecidos os seguintes objetivos: a) pesquisar sobre as produções artísticas e acadêmicas no campo da arte pública; b) mapear, em parceria com os(as) estudantes do Ensino Fundamental – Anos Finais, de uma escola pública, as obras de arte localizadas em uma praça e ruas do centro da cidade de Manaus; e c) promover processos de mediação cultural com os(as) estudantes participantes da pesquisa, tendo como objeto de análise as obras de arte pública em Manaus.

Considerando os objetivos acima indicados, propomos como horizonte metodológico a Pesquisa-Ação, método científico adotado nesta pesquisa fundamentada nos estudos de Thiollent (2009), visto que teve a minha participação ativa durante o processo. Para este autor a pesquisa-ação corresponde:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativos (Thiollent, 2009, p. 16).

Nesse processo, foram realizados estudos, mapeamento das obras públicas e registros, o que propôs a articulação entre esses objetos de investigação teórica e as práticas pedagógicas, à medida que fomos pesquisando acerca da temática proposta, por meio de estudos bibliográficos e de mapeamento das obras públicas realizado *in loco*, objetivadas em atividades com os(as) estudantes.

Importante considerar a arte pública não apenas como objeto de contemplação, mas como um instrumento pedagógico de mediação das experiências estéticas no espaço urbano, e a partir dessa abordagem espera-se que a proposta desenvolvida contribua para a produção acadêmica sobre a temática, de forma que articule as teorias do campo de pesquisa às práticas pedagógicas no ensino de Arte.

Considerando a metodologia da Pesquisa-Ação, operacionalizamos o estudo e, ao mesmo tempo, participamos acompanhando sua implementação em contexto específico de ensino, com os(as) estudantes.

No contexto da pesquisa-ação proposta partimos da abordagem qualitativa. Para Gonsalves (2001, p. 68), “a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas(...)”. Nessa mesma linha, Neves (1996, p.1) considera que “dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo”, o que nos garante uma melhor compreensão do problema em questão.

Nesse sentido, foi proposta a realização de uma pesquisa de campo, por meio da visita aos espaços públicos definidos para pesquisa, por meio de processos de mediação, feito pelo pesquisador junto ao público (estudantes). A pesquisa de campo destinou-se também ao mapeamento das obras de arte pública instaladas na região central da cidade de Manaus – especificamente, na Praça Heliodoro Balbi e avenida Eduardo Ribeiro em toda a sua extensão, no trecho entre a Praça do Congresso e a Praça da Matriz. Contudo, também foram consideradas as obras de arte pública espalhadas por outras praças, ruas, avenidas e viadutos de Manaus, fora desse perímetro urbano, a partir de pesquisas e estudos realizados pelos(as) estudantes.

Considerando uma continuidade com criação de um canal, a lista dos livros para pesquisa sobre cidade e arte pública já constitui um conteúdo.-E nessa pesquisa bibliográfica, Marconi e Lakatos (2003, p.43) nos afirmam que “sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto [...]”. De fato, isso propiciou uma melhor proximidade com vários outros autores, já mencionados anteriormente, e que tratam dessa mesma temática e que enriquecem o debate.

Em conformidade com a pesquisa-ação foram adotadas às seguintes fases para o desenvolvimento do estudo, que certamente não ocorreu de forma rígida, pois de acordo com Thiollent (2009, p. 51), ele deve ser flexível e

[...] não se segue uma série de fases rigidamente ordenadas. Há sempre um vaivém entre várias preocupações a serem adaptadas em função das circunstâncias e da dinâmica interna do grupo de pesquisadores no seu relacionamento com a situação investigada.

Foram consideradas as seguintes etapas:

Percurso exploratório: pesquisa em bases bibliográficas para aprofundamento teórico do pesquisador a fim de construir o referencial teórico consistente acerca do tema da pesquisa, a partir de livros, textos, artigos, dissertações e teses. Em paralelo

à revisão da literatura, os(as) estudantes, participantes da pesquisa, serão orientados a realizar suas próprias pesquisas sobre o campo conceitual abordado (arte pública, arte pública na cidade de Manaus), para conhecer sobre o assunto, reconhecer obras de arte pública no contexto nacional e local (Manaus).

Etapa da primeira socialização: Ao final dessa etapa anterior, foi realizada a socialização das pesquisas feitas pelos(as) estudantes através da organização de uma apresentação de grupos na escola, especificamente nas salas de aula, através da criação de cartazes, banners ou outros recursos visuais propostos pelos(as) próprios(as) estudantes em sala de aula. Também foram realizadas rodas de conversa com os participantes para troca de experiências sobre suas percepções e descobertas a partir de suas próprias pesquisas.

Etapa da sala à praça: Mapeamento de campo, por meio da visita *in loco*, dos espaços públicos definidos no recorte Praça Heliodoro Balbi e Avenida Eduardo Ribeiro, trecho que vai da Praça do Congresso à Praça da Matriz, onde ocorrem as instalações das obras escultóricas e monumentais, bem como as pinturas murais, para o mapeamento delas, com uso de registros de imagens através de celulares para fotos e vídeos.

Etapa da praça à escola - segunda socialização: sistematização dos dados do mapeamento, a partir dos materiais produzidos (registros escritos, fotográficos etc.) a partir do levantamento de todas as obras, previamente realizado pelos(as) estudantes sob o acompanhamento do pesquisador, que foram organizados por categorias (esculturas, grafites etc.).

Desta forma, a presente dissertação apresenta três capítulos, conforme segue: o primeiro capítulo, intitulado **Arte e arte pública: aproximações conceituais**, coloca em perspectiva os conceitos de arte e arte pública para sedimentar as bases teóricas que fundamentam esse campo de estudo, com apoio central nos estudos de Coli (1995), Pareyson (1996) e Argan (1998), dentre outros autores que ajudaram nas reflexões nesse campo de estudo.

O segundo capítulo, denominado **Arte pública na cidade de Manaus: diálogo com as produções locais** trouxe para o campo de debate a arte pública no contexto de Manaus. Nesse contexto, dialogamos com autores que pesquisam sobre a realidade histórica e artística da cidade de Manaus, em especial com Nascimento (2003) e Mesquita (2019).

Por fim, o último capítulo, intitulado **Processos metodológicos e suas**

operacionalizações, o projeto **Arte pública: costume de sala vai à praça** em ação, que sistematiza os resultados da pesquisa-ação realizada como produto da pesquisa proposta.

CAPÍTULO I

Figura 1 – Monumento à Abertura dos Portos às Nações Amigas (1899)



FONTE: Foto de Marcelo Borges, constante do acervo de Iconografias do Instituto Durango Duarte.

Monumento à Abertura dos Portos às Nações Amigas (1899), do escultor italiano Domenico de Angelis, localizado no Largo de São Sebastião, em Manaus/AM. As peças desse monumento foram trazidas para Manaus em partes separadas (DUARTE, 2009).

1 ARTE E ARTE PÚBLICA: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS

O termo combinado “Arte pública” deriva de dois conceitos que se articulam – o conceito de arte e a compreensão do que se entende por pública. Do ponto de vista da arte vemos que o seu conceito é polissêmico, o que significa que não se pode dizer de forma consensual o seu significado, que varia em termos históricos, sociais e culturais. Sobre esse aspecto, Coli (1995, p. 07) nos pontuou que, “dizer o que seja a

arte é coisa difícil. Um sem-número de tratados de estética debruçou-se sobre o problema, procurando situá-lo, procurando definir o conceito”. O mesmo autor também discorre sobre as ideias que nos aproximam do que seja arte, embora sua conceituação fixa não seja um objeto fechado. Assim, para ele:

É possível dizer, então, que arte, são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia. Portanto, podemos ficar tranquilos: se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa ideia e como devemos nos comportar diante delas (COLI, 1995, p.08)

Nessa mesma linha de compreensão, Pareyson (1966) nos ajuda a compreender o conceito de arte a partir de três aspectos, embora também não fechado em formulações conceituais únicas. Para este autor é possível definir o que é arte a partir da compreensão das categorias “fazer”, “conhecer” e “expressar”, que ao longo da história estão articulados à sua compreensão, ora de forma excludente, ora combinados. Portanto, a arte é considerada como fazer, pois é resultado do trabalho humano, por meio do conhecimento de técnicas específicas a cada produto, são utilizadas para expressar sua visão de mundo. Nessa linha, o fazer artístico está intimamente articulado aos aspectos do conhecimento humano (dimensão do “conhecer”). Para Martins, Picosque e Guerra (1998), o ensino de arte deve considerar a dimensão do conhecer, como elemento indispensável nas práticas pedagógicas nessa área de conhecimento.

Assim, a arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito a esse saber (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 13).

Em síntese, a arte existe e é fruto da ação humana que a exprime por meio de conhecimentos técnicos variados. E como tal, sua finalidade se dirige para outros humanos, em um processo de fruição. Portanto, em sua essência, seu destino é público.

Dito essas breves considerações, a concepção de arte pública ganha um sentido de reflexão. No contexto dos estudos sobre arte pública, algumas questões iniciais se colocam como premissas: Faz sentido se falar em arte pública? Não seria o destino da arte o seu caráter público?

Quando falamos em arte pública, logo nos remetemos à ideia geral de uma obra voltada para o público, nos seus mais variados conceitos. Embora o espaço público tenha uma dimensão democrática, no sentido mais pleno que lhe é confiado, muitas vezes o cidadão comum, aquele que transita livremente por esses mesmos espaços, não se apercebe do que compõe as paisagens urbanas de sua cidade. Geralmente, as obras instaladas nos espaços públicos não passam de elementos meramente decorativos para muitos. Essas obras e monumentos, portanto, desafiam seu público para uma percepção que vai além de um olhar apenas estético, mas que assegure uma apreensão dos seus valores e significados históricos e políticos. Para Pallamin (2000, p. 10).

A arte pública, a arte que se faz no espaço público, o gesto, a intervenção, evento, a instalação, o espetáculo, a apresentação, a arquitetura que é, enquanto arte, pública por excelência, – tudo isso exerce sobre o social preexistente um impacto, em que talvez a hegemonia seja confirmada ou desafiada; mas, mais importante que isso, em que algo novo desse social passa a ter existência.

Alves (2008), em suas teorizações a respeito dos sentidos e significados sobre arte pública, destaca que o termo é controverso, logo, não possui uma unidade conceitual nesse campo, que a meu ver, também é polissêmico. Alves apresenta algumas questões, a partir de autores que o ajudam a pensar sobre aspectos presentes nessa discussão, e destaca o questionamento de Senie (1992, apud ALVES, 2008, p. 5) para problematizar a seguinte questão: “Como pode se juntar algo “elitizado” [arte] com algo “democrático” [público]?” (p.5).

Alves, citando Buren (1997, apud ALVES, 2008) problematiza ainda: “Se apenas o local é o único fator “público”, por que a arte dos museus não possui também esse rótulo? E “por que quando falamos sobre um trabalho ao ar livre ou, mais exatamente, na rua, numa colocação urbana, a palavra ‘arte’ é juntada com o termo ‘público’?” (p.5). Alves conclui seus questionamentos, baseado nas considerações de Miles (1997, apud ALVES, 2008), e considera que “Talvez a explicação para esta controvérsia seja a de que a união destas palavras se configure de forma tão “problemática” porque o termo foi cunhado justamente no século em que “arte” e “público” não se “juntam facilmente” (p.5). Portanto, vemos neste caso, um questionamento levantado por esses autores sobre uma realidade existencial de um período na história de extrema segregação social, onde esses dois termos, arte e público, coabitavam os mesmos espaços, mas com distintas relações sociais nessa

época – e aí, estamos falando do século XIX e início do século XX.

Esse período marca um distanciamento dos conceitos de arte e público, grande o suficiente para serem criadas barreiras sociais, onde arte, no seu sentido mais amplo pertencia inexoravelmente a uma parte específica da sociedade, ou seja, à elite, uma parte abastada da sociedade que tinha o privilégio do acesso a todo tipo de arte e em qualquer parte do mundo; enquanto público, remetia a todo espaço considerado democrático, pertencente ao coletivo, e de acesso à maioria absoluta da população. Daí, se concluir que a arte, nesse período pertencia só e tão somente às classes privilegiadas.

Sob essa análise, Porcher (1982), no texto *Aristocratas e Plebeus*, reflete sobre a compreensão da arte como sendo historicamente um “acessório da elite”, que figurou por muito tempo na história, demarcando o seu distanciamento das classes menos favorecidas economicamente, cujo acesso às artes foi (é) limitado. Para esse autor,

As muralhas estéticas definiam o território fechado de uma certa forma de ócio elegante. Mas esse lazer ocioso, essa utilização do tempo livre não foi dada a todos por igual dentro da sociedade: constituíram-se em privilégio das classes sociais favorecidas, que foram também as classes sociais dominantes. Quando se tornou obrigatória, a escola primária não se propunha a abrir a todos o acesso a esse tipo de responsabilidade (PORCHER, 1982, p. 13).

O termo “arte pública”, de fato, rompe em definitivo, ou pelo menos tem essa pretensão inicial, pois questiona situações díspares dentro de um mesmo contexto social onde nos levaria a questionar, por exemplo, se uma Biblioteca Pública é pública porque é de acesso público, portanto, de acesso geral e irrestrito; ou ainda, um museu de arte, que se propõe agregar obras de arte de valores inestimáveis, teoricamente pertencente à elite? Essa lógica é rompida e a arte pública passa a valorizar memórias, tradições, as práticas do cotidiano e tantos outros itens, inerentes à sociedade como um todo.

Considerando o histórico de distanciamento no que se refere ao acesso às artes de forma mais democrática para toda a sociedade, no sentido do que se refere Alves (2008) em suas indagações anteriores, destaco como contraponto os estudos de Silva (2004), especialmente no que se refere o diálogo com a comunidade que pode ser estabelecido no campo da arte pública. Para este autor:

O conceito de arte pública é bastante amplo, abrangendo a instalação

de monumentos em praça pública, a realização de performances, a revitalização de espaços degradados, a apropriação ecológica, bem como a intervenção nos espaços públicos em diálogo com as comunidades. Defendo esta última abordagem e focalizo a obra de arte pública voltada para as necessidades da prática cotidiana de comunidades específicas, considerando sua história, sua memória e seus valores culturais a partir do registro oral, das imagens, dos rituais religiosos e das atividades cotidianas (SILVA, 2004, p.1).

Como visto, os espaços públicos são os mais variados, tais como: ruas, praças, instituições públicas, como bibliotecas, ginásios esportivos, anfiteatros, entre outros, com potenciais para abrigar obras de arte. Contudo, o cotidiano frenético nem sempre possibilita sua percepção pelos sujeitos que transitam por estes espaços. Essa aproximação público/arte possibilita o envolvimento com a arte de sua cidade, tornando o acesso aos bens culturais garantidos, e a cidade posta como um grande museu para seus cidadãos.

Em uma compreensão inicial pode-se entender por “arte pública” as produções artísticas presentes nos espaços disponíveis ao público. Contudo, não se pode conceber esse termo restrito a esse entendimento. Para Sanches (2018, p. 39), “[...] há uma grande variedade de termos diferentes que são empregados para nomear “arte pública”, como “arte urbana”, e a maioria das publicações não elabora uma discussão sobre as motivações para denominá-la de uma ou de outra maneira.” Embora considerando não haver um aspecto único das motivações para a presença de obras de arte nos espaços públicos de uma cidade, destacamos o aspecto da democratização do acesso à arte pela população como fundamental.

Assim, com o entendimento de que não se deve atribuir ao conceito de arte pública somente aos aspectos das obras permanentes instaladas em um determinado espaço da cidade, haja vista que no campo das artes se observa diferentes manifestações mais efêmeras, como as instalações, por exemplo, delimitamos nosso estudo somente às obras permanentes. Apoiada nos estudos de Moassab (2003), Sanches destaca, ainda, “que o termo “arte pública” vem sofrendo certo desgaste por ser confundido, de forma simplória, com projetos de revitalização urbana, o que faz com que também seja combatido por alguns autores no meio acadêmico” (SANCHES, 2018, p. 40).

Regatão (2015), aborda a temática da arte pública a partir de sua relação com a cidade. Para este autor, além dos aspectos relacionados ao planejamento urbano e organização dos espaços, surge a necessidade relacionada à preservação do seu

patrimônio e o chama de estética urbana. Esse pensamento se articula às ideias de Lefebvre (2011) em suas formulações sobre o direito à cidade, e museus com as perspectivas de Argan (1998), que concebe a história da arte como história da cidade, considerando a cidade como um museu aberto, pois a arte não se limita apenas aos espaços fechados, mas se encontra nos espaços urbanos. De acordo com Argan, “A origem do caráter artístico implícito da cidade lembra o caráter artístico intrínseco da linguagem, indicado por Saussure: a cidade é intrinsecamente artística” (1998, p. 73).

Assim, a existência de obras de arte espalhadas pelo espaço das cidades é elemento que não só democratiza o seu acesso à população, mas representa também a possibilidade de sua fruição.

CAPÍTULO II

Figura 2 – Mural em grafite do antigo prédio do Ministério da Fazenda, no Centro de Manaus.



Fonte: Foto: Paulo Bindá/A CRÍTICA.

Disponível em: <https://www.acritica.com/entretenimento/um-retrato-da-amazonia-mural-gigante-celebra-a-cultura-indigena-no-centro-de-manaus-1.347438> Acesso em: 20 mar. 2026.

A arte urbana desponta nos prédios, ao lado de monumentos históricos no centro de Manaus, como o grafite o prédio da alfândega.

O cinza da lateral do edifício ganha cor e se transforma em uma verdadeira tela de arte urbana com o retrato de uma criança indígena, que destaca a rica cultura amazonense.

A obra, que mede 25 metros de largura por 90 metros de altura, é um projeto idealizado pelo artista parintinense Jarbas Lobão, em colaboração com os artistas Sprok, Panda e Luan. Inspirada em uma fotografia do acervo do fotógrafo Michel Mello, o mural apresenta Lara, uma criança indígena da comunidade Cipiá, no Alto Rio Negro.

O artista plástico conta que a fotografia foi tirada quando Lara tinha 6 a 7 anos, retratando a essência da infância indígena, mas hoje ela já está com 17 anos. Lobão e Michel retornaram recentemente a comunidade indígena e reencontraram a jovem que inspirou a arte e cujo nome na língua Desana é Mirión, que significa “Rainha das Águas” (ACRÍTICA, 2024).

2 ARTE PÚBLICA NA CIDADE DE MANAUS: DA BELLE ÉPOQUE ÀS PRODUÇÕES ATUAIS

Hoje é domingo

*Hoje é domingo na vila de São
José da Barra.*

(Aníbal Beça)

A Manaus que eu Vivo

*Manaus, cidade que eu vivo,
é repleta de magia.
Ela me tornou cativo
por ter o dom da alegria,
por ser sempre hospitaleira,
é a capital brasileira
que esbanja simpatia.
Circundada de floresta
é singular e plural
nela Deus se manifesta
de maneira especial
nas luzes do amanhecer
no brilho do entardecer
do Rio Negro colossal.
Tudo aqui tem mais sentido
na lida do pescador
porque nos foi permitido
sentir o raro sabor
do caldo do jaraqui
e a culinária daqui,
ai meu Deus, é um primor!
Esta cidade que eu vivo
digo com muita emoção
desde menino não privo
por ela a minha paixão
Manaus, cidade querida,
que bom que a minha vida
é devotada ao teu chão.*

(Celdo Braga)

Pensar em arte pública na cidade de Manaus nos remete, necessariamente, a revisitar, embora que sucintamente, alguns marcadores históricos dessa cidade, para conhecer o legado de contextos diversos, considerando aqui o pensamento de Argan

(1998), que concebe os estudos sobre a história da arte em diálogo com a história das próprias cidades.

A cidade de Manaus é capital do Amazonas, região norte do Brasil, situada à margem esquerda do Rio Negro. De acordo com dados do IBGE, apresentou em 2025 uma área territorial de, 11.278,893 km², o que o coloca entre os maiores municípios em área territorial do Brasil, com população registrada no censo demográfico de 2022 com 2.063.689 pessoas (BRASIL, 2025). Corresponde o principal centro econômico do Amazonas e da Região Norte, com destaque para a Zona Franca de Manaus, um polo industrial. Manaus, enquanto cidade², tem sua origem demarcada pela ocupação do Rio Negro pelos portugueses (MESQUITA, 2019, p. 39), no triste episódio de ocupação colonial violenta contra as populações indígenas. Este autor destaca que a mão de obra indígena e escravizada foi utilizada nas obras públicas em Manaus, “até meados do século XVIII”.

Pelo processo de ocupação das terras manauaras, os portugueses construíram o Forte de São José da Barra do Rio Negro em 1669, “um prédio quadrangular, de barro, madeira e taipa socada, combinado com paredes grossas de pedra, erguidas com trabalho compulsório dos Baniwa, Baré e Passé” (FREIRE, 2012, p. 29).

Como visto, a cidade de Manaus tem suas origens nos processos de ocupação portuguesa na região, a partir da construção do Forte de São José da Barra do Rio Negro em 1669, até sua elevação à categoria de cidade, em 1848 (FREIRE, 2012; NASCIMENTO, 2003), denominada Cidade da Barra do Rio Negro.

O nome “Manaus” só foi registrado posteriormente, em 1856. Conforme dados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan, s/d).

O povoado, que se desenvolveu em torno da fortaleza, recebeu o nome de São José da Barra do Rio Negro. Em 1832, sob a denominação de Nossa Senhora da Conceição da Barra do Rio Negro, o lugarejo foi elevado à categoria de vila e, em 1848, a Vila da Barra foi novamente elevada, então à categoria de cidade, com o nome de Cidade da Barra do Rio Negro. A cidade recebeu, em 1856, finalmente, o nome de Manaus, em homenagem à nação indígena dos Manáos (Mãe dos Deuses), o mais importante grupo étnico habitante da região, reconhecido historicamente pela sua coragem e valentia.

² Fazemos essa demarcação para evidenciar que antes da ocupação colonial, que fundou seus fortes, vilas e cidades, o território da cidade de Manaus como conhecemos já era ocupado pelas populações indígenas que viviam nessa região.

Assim, consideramos que o debate sobre a arte pública localizada na cidade de Manaus, são registros de sua própria histórica, que inseridas como conteúdo a ser trabalhado nas aulas de Arte deve estabelecer conexão com sua história, para se obter um ensino mais contextualizado. Tomando como referência os estudos sobre a arquitetura de Manaus, Mesquita (2019), assim como Argan (1998), evidencia que,

[...] a história da arquitetura local, não apenas como cenário dos função das construções, decisões políticas foram tomadas, pessoas deslocadas de seus postos e de suas regiões o comércio local foi incrementado, os hábitos da população sofreram mudanças e a visualidade local foi modificada. Hoje, muitas dessas obras se encontram quase que perdidas no meio de uma cidade que nem sempre as valorizou (MESQUITA, 2019, p. 57).

E foi exatamente nesse processo histórico de ocupação da região que as suas construções foram deixando as evidências desses processos de urbanização da cidade, sob a marca de um padrão colonial, como também observado em épocas posteriores, à exemplo do período da borracha, onde Manaus teve um crescimento urbano, e muitas obras de arte pública são marcas desse processo.

Registrada nos acervos históricos de um período conhecido como “*belle époque*”, um período de tremenda efervescência cultural e artística ocorrido no mundo inteiro, mais precisamente no final do século XIX e início do século XX. Nesse período, de acordo com os relatos históricos, a burguesia encontrava-se no seu apogeu, pois era a classe dominante dentro de um sistema capitalista, que detinha o domínio absoluto dos bens de produção ou capital. A *belle époque* começou na França, no final do século XIX, mas alcançou igualmente as terras amazônicas pelo processo de colonização na região, com bastante ênfase na Amazônia, pontualmente nas cidades de Manaus e Belém.

Vale ressaltar que por essa ocasião, a Amazônia vivia um boom econômico, provocado pela extração do látex da borracha – conhecido também como “ciclo da borracha” -, que fez de Manaus uma das primeiras cidades do Brasil a vivenciar em sua plenitude o estilo Belle Époque, o que a tornou, assim como Belém, os centros de economia da borracha. Manaus, a exemplo dessa também chamada “época de ouro”, chegou a ser dentre outros feitos, a primeira cidade brasileira a ter eletricidade, consequentemente, a primeira a ter bondinho elétrico, como um dos meios de locomoção urbana, ruas pavimentadas e uma série de outras benfeitorias que pudessem tornar uma cidade moderna, a exemplo das cidades europeias para

receber as pessoas que chegavam do outro lado do continente e assim poderem lhes oferecer conforto à altura de suas “nobres posições”.

Como todo processo histórico vivenciado pela humanidade, e assim seguindo uma cronologia, a Belle Époque tornou Manaus conhecida como a “Paris dos Trópicos”. Nessa capital vários segmentos tiveram influências diretas vindas da Europa, sobretudo influências francesas, pois a cidade importou, em linhas gerais, as artes e a cultura, a arquitetura, além da moda e, como não poderia deixar de fazer, os hábitos europeus, e Manaus despontava como um grande centro nacional, por assim dizer. O Teatro Amazonas, bem como a Biblioteca Pública, dentre outras obras, são exemplos de construções que tornaram possível o desenvolvimento da cultura local, propiciado pelos efeitos econômicos da borracha.

Manaus, portanto, possui monumentos e prédios que são testemunhos de uma época em que lhe conferiu o título de “Paris dos Trópicos”, exatamente por estar situada no meio da selva amazônica.

A *Belle Époque*, que numa tradução literal significa “Bons Tempos”, não significou bons tempos à população local da época, pois não lhes trouxe nenhum benefício direto, a não ser para os mais abastados da época, que representam as elites proprietárias dos grandes seringais locais, que dominavam economicamente a região e que podiam usufruir de uma cidade em desenvolvimento econômico. Ao povo cabia só, e tão somente, o trabalho árduo, como por exemplo, o dos seringueiros, homens que faziam a extração do látex nos grandes seringais existentes.

Sob essa questão, Milton Hatoum, no prefácio do livro *A ilusão do fausto: Manaus – 1890-1920* (DIAS, 2019, p. 13), escreve que: “Os problemas de uma cidade não são apenas técnicos e estéticos. A cidade ou o espaço urbano são construídos ou destruídos segundo uma política de intervenção que pode favorecer certos segmentos sociais em detrimento de outros”. Portanto, falar de uma época em que Manaus prosperou, sem dizer que esse crescimento manteve as estruturas das exclusões sociais, é não apresentar a história de forma completa. Nesse mesmo contexto, Nascimento (2003, p. 18), ao analisar o declínio do ciclo da borracha em Manaus, comenta que “[...] essa cidade dos ricos dá lugar à cidade dos pobres, e vieram à tona os contrastes e conflitos antes abafados. A cidade em crise para os ricos é a festa dos pobres pelo acesso, pelo direito à cidade”.

Todo esse período marcante da nossa história local, apesar de não ter se perpetuado e de não ter trazido nenhum benefício direto para população naquele

contexto, que não aqueles já mencionados anteriormente, nos deixou um grande legado do ponto de vista artístico-cultural. E quando falamos da negação de acesso aos benefícios, evidentemente estamos falando de um outro lado social que envolve várias outras camadas da população que compunham a pequena sociedade manauara daquela época, como negros, indígenas, quilombolas e outras minorias, que por sua vez sofreram o maior dos impactos: restrições aos seus direitos de ir e vir, devido a normas impostas pela prefeitura, que tinha como lei os chamados “Códigos de Posturas” (SAMPAIO, 2016), que os restringiam na sua participação sócio-político-econômico-cultural. Podemos dizer que este fora o lado mais sombrio da tão enaltecida *Belle Époque*, de uma Manaus de outrora, rica e nostálgica ao mesmo tempo e que marcou a história de nossa cidade, sem enaltecer sua população.

Mas, diferentemente das políticas segregadoras da época, o que esse período nos deixou como legado artístico-cultural, hoje beneficia em grande medida nossa sociedade moderna e está aberta a todos e todas que dele queiram desfrutar. Todo um acervo de patrimônios materiais e imateriais permeiam a cidade de Manaus e contam suas histórias, cada uma em seus contextos específicos. O patrimônio dessa época pode ser observado nas arquiteturas antigas da cidade, nas variadas praças de Manaus, no interior de prédios públicos e em suas fachadas, numa esquina qualquer de uma rua esquecida, há sempre uma ou mais obras de arte pública dessa época.

Há, no entanto, uma característica intrínseca no pensamento político, independente do seu período histórico e das suas variadas composições político-partidárias, que está ligado ao trato do bem público. O que é público, nesse caso, parece não ter a mesma importância daquilo que pertence a outrem, e o patrimônio cultural que nos foi deixado pela *Belle Époque*, bem como aqueles que foram produzidos e/ou construídos ao longo dos tempos, ou entraram em total deterioração ou foram negligenciados pelos poderes públicos que se sucederam, relegando parte destes ao descaso total ou à uma política de pouca manutenção de seus acervos públicos. As obras de arte pública, carregam em si memórias que vão para além da estética. É importante seus resgates históricos a partir do próprio resgate de seus conceitos e de suas origens.

De todo modo, manter a memória viva dessas obras, é propiciar, sobretudo aos(às) nossos(as) jovens estudantes as condições necessárias para uma apropriação a um segmento das artes públicas que lhes pertence, assim como estabelecerem um diálogo com estas. Não obstante o próprio poder público não lhes

garanta essa condição, resta-nos buscar soluções para esse problema concreto e existencial no nosso contexto atual, através da educação, onde a própria interdisciplinaridade já sugere um caminho possível para se trabalhar essa questão.

2.1 Manaus: a magia dos encontros

Figura 3 — Teatro Amazonas



Fonte: Foto - Reprodução/Rede Amazônica.

Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/manaus-de-todas-as-cores/2018/noticia/2018/10/24/imagens-areas-mostram-manaus-de-todas-as-cores-fotos.ghtml>
Acesso em: 20 mar. 2026.

Atualmente coexistem na cidade de Manaus obras de arte pública de diferentes estilos e épocas. Desde as obras de contextos históricos anteriores, até as artes oriundas da estética urbana contemporânea, podem ser vistas no mesmo espaço urbano de Manaus.

Assim, a grande empreitada em mostrar arte pública para estudantes do Ensino Fundamental requer um olhar múltiplo para elas, visando a sua contextualização. Não à toa, um de seus vários significados da arte pública é o de instigar alguém para que observe o entorno da cidade. Provocar o público para esse encontro com o “desconhecido” e torná-los próximos da arte de sua cidade requer processos pedagógicos no ensino e Arte.

Entre esculturas, grafites, empenas e murais, transita uma população que pouco percebe esses elementos tão distintos da arte pública, elementos esses que coexistem de forma silenciosa e que se apresentam não só como objetos estéticos isolados dentro de um contexto social, mas como elementos culturais que permeiam a experiência espacial, por se tratar de espaços públicos e pela sua representação simbólica e social da cidade.

Portanto, todo esse acervo imagético da cidade, as esculturas instaladas em praças públicas, os grandes murais nos pontos principais e estratégicos da cidade, assim como belos grafites em grandes eixos viários, como no caso dos viadutos, acabam se transformando em símbolos visuais e afetivos, pois lidam com contextos sociais de épocas diversos, auxiliando inclusive na orientação urbana e como referências coletivas. Não à toa, muitos desses elementos, sejam visuais ou mesmo espaços físicos, com o passar do tempo tornam-se pontos de encontros, servem de simples contemplação, encontro informais de amigos, muitas vezes de manifestações ou protestos de toda ordem etc., ou seja, acabando por se inserir na dinâmica da própria cidade, acompanhando o vai e vem das pessoas.

2.2 Arte e os(as) artistas urbanos

Atualmente, ao caminhar por ruas e avenidas de Manaus, é possível observar uma cidade completamente tomada pela arte de rua, em especial, grafites dos mais variados temas, e que se espalham pelos quatro cantos da cidade. Não à toa, nos últimos anos a cidade vem se tornando um grande polo de grafite urbano, dado o número de pinturas murais espalhados entre avenidas, viadutos e tantos outros espaços públicos, transformando muitos deles em grandes galerias a céu aberto, o que em grande medida acaba por divulgar, fomentar e estimular essa arte entre os jovens, especialmente na temática amazônica.

Figura 4: Grafite do artista Alessandro Hipz na lateral no Hotel Amazonas, no centro de Manaus



Fonte: Foto de Jaime Amorim/Divulgação

Disponível em: <https://edilenemafra.com/cultura/artista-conclui-mural-guardia-da-amazonia-no-hotel-amazonas-veja-fotos/> Acesso em: 20 mar. 2026.

Figura 5: Grafite na orla de Manaus



Fonte: Foto - Rede Amazônica

Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/01/07/orla-de-manaus-ganha-paredao-colorido-em-projeto-de-grafite-por-artistas-amazonenses.gh> Acesso em: 20 mar. 2026.

A pintura acima ocupa um grande muro às margens do rio, em uma área de

intenso fluxo de pessoas, embarcações e atividades comerciais. Sua localização não parece casual: ela transforma um espaço funcional de passagem em um espaço de contemplação, memória e identidade. O mural dialoga diretamente com a paisagem que o cerca. O rio que aparece pintado é o mesmo rio que está diante do observador; a vegetação retratada remete à floresta amazônica que constitui o imaginário regional; a ponte representada faz referência aos elementos da cidade e da circulação urbana. Assim, arte e realidade parecem se fundir.

Do ponto de vista temático, a obra valoriza símbolos associados à Amazônia: fauna, flora, água e elementos arquitetônicos locais. Ao reunir esses componentes numa mesma composição, o mural sugere uma narrativa visual sobre a relação entre natureza e cidade. Não há uma separação rígida entre os dois mundos; ao contrário, eles aparecem integrados, como se a identidade urbana de Manaus fosse inseparável do ambiente amazônico.

Para quem chega ao local diariamente, a obra pode provocar diferentes leituras. Alguns podem enxergá-la como um cartão-postal ampliado da cidade, um motivo de orgulho e pertencimento. Outros podem interpretá-la como um convite à preservação ambiental, já que os elementos naturais ocupam posição central na composição. Há ainda aqueles que simplesmente encontram nela uma pausa estética em meio à rotina acelerada do porto, do comércio e dos deslocamentos cotidianos.

A interação proposta pela obra ocorre justamente porque ela não está isolada em um museu ou galeria. Ela compartilha o mesmo espaço das embarcações, dos vendedores, dos passageiros e dos trabalhadores. Nesse sentido, o mural funciona como uma espécie de mediador entre o cotidiano e a reflexão. Enquanto as pessoas transitam pelo local, a pintura as convida a olhar novamente para aquilo que, por ser familiar, muitas vezes passa despercebido: o rio, a floresta, a paisagem urbana e a própria identidade cultural da cidade.

Pode-se dizer, portanto, que a principal potência dessa arte urbana está em transformar um lugar de circulação em um lugar de significação. Ao ocupar uma estrutura utilitária com imagens carregadas de referências locais, a obra reafirma a cidade como espaço de memória, pertencimento e diálogo coletivo. Ela não apenas embeleza o ambiente, mas cria condições para que o público reflita sobre sua relação com o território que habita, mesmo que essa reflexão aconteça de forma breve e silenciosa durante a passagem pelo local.

A arte urbana, no caso, tomou tal proporção na cidade, especialmente

atrativa aos olhos da população, que já há muitos anos foram criados vários grupos coletivos voltados para essa linguagem da arte, onde se concentram vários artistas locais e outros que aqui se estabeleceram, e que hoje se espalham pela cidade. No entanto, não ficaram apenas no campo das pinturas murais pura e simplesmente, mas levaram para as periferias a criação de um conceito diferenciado da arte urbana local, engendrando projetos sociais, promovendo a cultura urbana com festivais, formação artística de jovens introduzindo-os em modalidades como o hip-hop, grafite entre outros, além de oficinas itinerantes, eventos culturais e muitas outras atividades abertas ao público em geral, tudo isso com o intuito de usar a arte como ferramenta de transformação social, sobretudo dos jovens, aos quais é dado inclusive a oportunidade de encontrarem na arte um meio de sobrevivência econômica.

Dessas associações criadas na última década e das quais fazem parte vários artistas locais já consagrados, encontraremos a Point Paint Graffiti, a AIHHUAM (Associação Intercultural de Hip-Hop Urbanos da Amazônia), Coletivo Arte Ocupa, Projeto Graffita Educandos, CUFA-AM (Central Única das Favelas do Amazonas), entre outras, cujos projetos estão voltados prioritariamente para um público-alvo concentrado nas grandes periferias da cidade, conforme ressaltado anteriormente. E à frente desses projetos estão artistas renomados como RAIZ, reconhecido internacionalmente, inclusive, assim como Deborah Erê, Válney Moura, Israel Teo, Paulo Korok, entre outros.

Point Paint Graffiti aparece como um grupo/unidade cultural e de arte urbana com atuação em eventos, oficinas e intervenções de grafite em Manaus. É citado em reportagens locais como um grupo que oferece oficinas e promove intervenções culturais com grafite (arte de rua) envolvendo a comunidade e eventos públicos.

Além da criação dessas associações por iniciativas dos próprios artistas, vale a pena ressaltar os recursos financeiros adquiridos junto às leis de incentivos Aldir Blanc e Paulo Gustavo, assim como parcerias formadas com as secretarias de cultura do estado e do município e também a participações dessas associações em Editais de Cultura, patrocinados por essas mesmas instituições, que ajudam na fomentação desses projetos sociais, cujo objetivo é acima de tudo promover a identidade cultural e periférica, a ancestralidade das comunidades envolvidas, sempre através da música, da dança, do hip-hop e outras expressões artísticas, capazes de integrar a comunidade a partir de seus próprios valores e riquezas

culturais.

As obras presentes em contextos urbanos diversos, por toda a cidade nem sempre são percebidas, pois a dinâmica acelerada do corre-corre das pessoas, por vezes não permite a sua percepção, embora sempre disponíveis à fruição do público., Assim, essa constatação reforçou a ideia de se criar uma estratégia de mediação cultural com estudantes do Ensino Fundamental, capaz de reativar a relação entre o público e a arte pública, voltado para as obras e monumentos existentes nos espaços do centro de Manaus, assim como as pinturas murais e demais artes urbanas, conforme passaremos a discorrer no próximo capítulo.

CAPÍTULO III

3. Processos metodológicos e sua operacionalização

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Pai, me ensina a olhar!

(Eduardo Galeano)

Conforme apresentado na introdução, a nossa escolha metodológica se pautou na pesquisa-ação, com apoio nos estudos de Thiollent (2009), que descreveu como se pode operacionalizar uma proposta de pesquisa seguindo fases específicas, com a participação do pesquisador em seu processo.

Por conseguinte, o **produto educacional** proposto correspondeu à elaboração de um **projeto didático**, denominado **Arte pública: costume de sala vai à praça** (Apêndice A), cujo objetivo principal se voltou para promover processos de pesquisa sobre arte pública, experimentação estética e mediação entre arte e público com estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Manaus, onde atuo como professor de Arte. Com isso, buscou-se ampliar as possibilidades pedagógicas do ensino de arte, que em seu cotidiano comumente se limita aos espaços da escola, e de modo mais restrito à sala de aula.

O título do projeto foi inspirado e teve por analogia a expressão popular “**costume de casa vai à praça**”, para refletir sobre a importância de as ações pedagógicas realizadas na escola também serem vivenciadas fora dela. Assim, o projeto propôs romper com as experiências somente restritas à sala de aula, para ampliar as vivências dos(as) estudantes em outros ambientes, e promover uma experiência estética diferenciada com o objetivo de explorar os espaços públicos da cidade de Manaus, reconhecer e apreciar suas obras de arte pública. Dito isso, passaremos a apresentar as etapas do projeto realizado.

A pesquisa dos(as) estudantes foi realizada a partir de maio a setembro de 2025. Participaram dessa etapa estudantes de 03 (três) turmas do 8º ano do Ensino

Fundamental com as quais ministrou a disciplina Arte. Esse início do projeto proporcionou uma imersão no campo das manifestações artísticas presentes no espaço público, que estão bem mais próximas da realidade desses(as) estudantes, pois trata-se de um estilo de arte de melhor e mais fácil acesso pelos(as) estudantes das periferias de Manaus, sendo uma das expressões de arte mais presentes nessas localidades. Assim, os(as) estudantes foram provocados(as) a pesquisarem sobre a temática da arte pública, arte urbana ou arte de rua e suas manifestações, de forma livre, incluindo, no entanto, apenas trabalhos restritos à cidade de Manaus.

3.1 Percurso Exploratório

Thiollent (2009, p. 52) define esse momento como fase exploratória, que “[...] consiste em descobrir o campo da pesquisa, os interessados e suas expectativas e estabelecer um primeiro levantamento (ou “diagnóstico”) da situação [...]”. No contexto da pesquisa-ação, a etapa exploratória foi a fase do projeto de pesquisa, bem como da implementação inicial do projeto didático apresentado como produto educacional. Essa etapa foi operacionalizada em duas dimensões:

- a) Mediante a pesquisa bibliográfica para aprofundamento conceitual visando para subsidiar a escrita do referencial teórico do estudo pelo professor pesquisador;
- b) E em paralelo, pela pesquisa dos(as) estudantes da escola, com o objetivo de aproximação com a temática da “arte pública”, “arte urbana” ou “arte de rua”.

Gráfico 1 – Esquema metodológico do percurso exploratório



Fonte: Próprio autor, 2026

De forma preparatória, antes da realização das pesquisas propriamente dita, pelos(as) estudantes, foi importante ter realizado com estes um trabalho prévio,

para introduzir conceitualmente o campo a ser pesquisado. O objetivo desse trabalho inicial foi importante para que eu pudesse diagnosticar o nível de conhecimento e compreensão que eles/elas tinham em relação ao assunto proposto, bem como orientá-los em relação à pesquisa que teriam que fazer. Evidentemente, a considerar o nível social e referências culturais desse público-alvo específico, sendo estes de uma área de periferia onde está situada minha escola, poucos têm acesso aos bens culturais. A exemplo dessa realidade, muitos deles(as) nunca sequer entraram no Teatro Amazonas – um dos mais conhecidos e valorizados bens culturais de nossa cidade -, conforme os próprios relatos em sala de aula, ou tinham alguma referência sobre os artistas manauaras.

Esse processo se deu a partir da apresentação de vídeos³ curtos sobre arte urbana, além de exibição de imagens, dando-lhes a conhecer a variedade de expressões artísticas no circuito urbano, tanto as localizadas em Manaus, como em outras partes do Brasil. Isso serviu para que eles(elas) adquirissem uma familiaridade com essa arte, podendo observar através dos vídeos e das imagens apresentadas, que obras de arte pública não se resumem a esculturas e monumentos espalhados pela cidade, mas envolve outras manifestações significativas e enriquecedoras para a cultura local.

Foi possível observar que vários(as) estudantes não só identificaram os conceitos da arte pública, como também os vários elementos que a compõem, seus contextos históricos e os artistas oriundos do grafite, como por exemplo, o artista Raiz, de Manaus, e Cobra, de São Paulo, dois dos maiores artistas urbanos do país, mas ambos com projeção nacional e internacional. Foi perceptível a identificação dos(as) estudantes, e o estímulo com as pesquisas nesse campo, dado a sua identificação com esse estilo de arte, por ser tipicamente, na sua maioria, composto por artistas jovens, o que proporciona, de certa forma, uma conexão entre esse público dessa faixa etária e os artistas citados.

Após cada apresentação de vídeo, ocorrida em aulas consecutivas, criamos um debate a respeito dele. Mas, também foi necessária uma melhor administração

³Vídeos: Arte urbana ganha espaço em Manaus. TV Acrítica. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zlcDDJXVUEI> Acesso em: 20 de jun. de 2025; Crescimento da arte urbana de Manaus. Portal Mercatizar. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/C9-92QUZfP4>. Acesso em: 20 de jun. de 2025; Raiz Campos: o artista representando a arte Amazônica | Gente do Norte. Amazon SAT. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lzzyP0FJOUg> Acesso em: 20 de jun. de 2025.

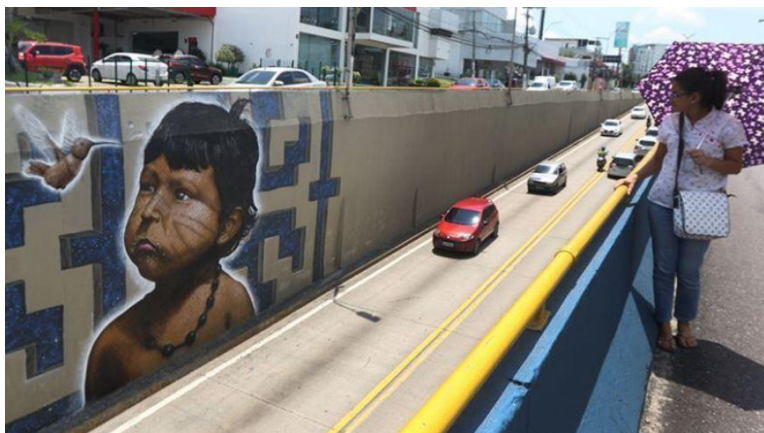
do tempo de aula, para que fosse possível propor esse debate, e para isso os vídeos precisaram ser curtos, para que pudesse haver tempo para esse debate, além do que eu sempre os repetia por 2 ou 3 vezes para que os(as) estudantes pudessem fixar melhor o que viam em cada um deles.

Para fomentar o debate, algumas perguntas problematizadoras foram lançadas para a turma após cada exibição dos vídeos e projeção das imagens, para realizarmos o processo de mediação cultural, tais como:

- Qual tipo de arte você acabou de ver, tanto no vídeo quanto nas imagens?
- Olhando todo esse cenário mostrado nos vídeos, onde vocês acham que é esse local, exatamente?
- Quem já esteve nesse local?
- Esse grafite aqui, é uma empena?
- No seu bairro, já viram esse tipo de pintura em algum lugar?
- Quem gostaria de ver ao vivo esses trabalhos aqui apresentados?
- Que tipo de materiais vocês acham que os artistas usaram aqui?
- Essas obras aqui, alguém sabe onde elas ficam, exatamente?

Esta última indagação, por exemplo, feita no momento em que eu apontava nos próprios vídeos, algumas artes, dentre elas o grafite do artista Raiz Campos, localizado no viaduto da Djalma Batista – Manaus.

Figura 6 – Grafite do Artista Raiz Campos, Elevado Darcy Vargas



Fonte: acritica.com

Disponível em: <https://www.acritica.com/entretenimento/grafite-de-raiz-campos-conclui-projeto-de-revitalizac-o-dos-viadutos-de-manaus-1.82797> Acesso em: 20 mar. 2026.

Esse “identificar com facilidade”, no entanto, relacionado nas perguntas problematizadoras frente a quem conhecia ou não, esta ou aquela obra, não significou, evidentemente, que havia algum conhecimento mais profundo da parte destes(as) em relação à obra apresentada, mas tratava-se a princípio de suas memórias fotográficas reagindo às imagens que os vídeos lhes traziam. A ideia, portanto, consistiu nesse momento em instigá-los(as) a pensar, revisitar essas memórias e fazerem suas releituras das imagens que assistiam.

Ensinar a olhar o universo artístico faz parte do processo de mediação arte/público, a ao responderem às questões problematizadoras, vários(as) estudantes identificaram com facilidade os locais e as obras apresentadas, o que pudemos perceber que esses já possuíam algum conhecimento prévio, por já terem estado presencialmente visitando, ou passado em frente em algum momento, quando numa viagem de carro ou de ônibus. Outros permaneciam em silêncio sem responder às questões ou interagir, mas manifestavam-se entre sorrisos tímidos, não verbalizando, talvez, por não terem conhecimento. Isso revela a própria dinâmica cotidiana de uma sala de aula quanto à participação dos(as) estudantes nas aulas, mas pontuamos que de um modo geral houve grande adesão ao debate.

Esse “identificar com facilidade”, no entanto, relacionado nas perguntas problematizadoras frente a quem conhecia ou não, esta ou aquela obra, não significou evidentemente, que havia algum conhecimento mais profundo da parte destes(as) em relação à obra apresentada, mas tratava-se a princípio de suas memórias fotográficas reagindo às imagens que os vídeos lhes traziam. A ideia, portanto, consistiu nesse momento em instigá-los(as) a pensar, revisitar essas memórias e fazerem suas releituras das imagens que assistiam.

Nesse processo o debate fluiu, e aqueles(as) que já conheciam todas as obras citadas, ou pelo menos algumas delas, logo se entusiasmavam ao se manifestar, pois era bastante visível seus semblantes de contentamento ao dizê-lo. Falavam, portanto, de suas idas com seus pais, tios ou algum parente próximo. Também observei um certo grau de frustração por parte de alguns(mas), ou até mesmo de indiferença, o que de certa forma nos faz refletir sobre as poucas oportunidades de acesso às artes, para que possam usufruir também, assim como o fizeram seus colegas.

E assim, os(as) estudantes iam se manifestando, o que possibilitou rememorar espaços públicos e obras de arte neles localizadas. Isso também

despertou a curiosidade de alguns(mas), que manifestaram interesse de conhecer esses locais e obras presencialmente.

Essa preparação, além de sua função diagnóstica dos conhecimentos prévios, também ajudou a chamar a atenção para esse tipo de arte, tão próxima de todos nós, mas ao mesmo tempo, tão pouco percebida pela maioria, no vai e vem cotidiano das pessoas pela cidade. Foi importante, ainda, para que todos(as) pudessem conhecer o projeto e suas etapas, que estavam sendo convidados a participar.

Essa etapa exploratória foi, portanto, um termômetro para que eu pudesse analisar se encontravam esses(as) estudantes no que se referia aos seus conceitos sobre a arte pública e conhecimento do acervo localizado na cidade de Manaus, visto que alguns(mas) não tinham familiaridade com o conceito de arte pública e seus exemplos.

Para fins de operacionalização dessa etapa do projeto didático, foi proposto uma pesquisa em grupo, e cada um deles ficou encarregado de pesquisar somente obras de arte pública restritas à cidade de Manaus, uma vez que esse era o foco principal do trabalho naquele momento.

Feitas as pesquisas pelos(as) estudantes, na sequência ocorreu a etapa da primeira socialização, conforme descrito a seguir:

3.2 Etapa da primeira socialização

Essa etapa foi planejada para que os(as) estudantes fizessem a socialização de suas pesquisas, por meio da exposição dos resultados, ficando livres para escolherem os recursos para a sua apresentação. De um modo geral essa etapa foi socializada por meio de conversas e exposições orais em sala de aula, com o uso de cartazes elaborados pelos(as) estudantes, e houve uma interação entre as partes – entre os que apresentavam e os que ouviam -, a partir de perguntas diversas, relacionadas às obras apresentadas, possibilitando, desta forma, um movimento recíproco de aprendizagem.

Figura 7 – Registros fotográficos da etapa de socialização⁴



Fonte: próprio autor, 2025

Durante a socialização foi possível observar que os(as) estudantes não só identificaram os conceitos da arte pública, como também os vários elementos que a compõem, seus contextos históricos e os artistas oriundos da estética do grafite, como por exemplo, o artista Raiz Campus, de Manaus, e Cobra, de São Paulo, que estão dentre os maiores artistas urbanos do país, ambos com projeção nacional e internacional. Foi perceptível a identificação dos(as) estudantes, assim como o estímulo com as pesquisas nesse campo, dado a sua identificação com esse estilo de arte, por ser tipicamente, na sua maioria, composto por artistas jovens, o que proporciona, de certa forma, uma conexão entre esse público dessa faixa etária e os artistas citados. Mencionar outros artistas urbanos, de outras partes do Brasil, nesse contexto, ajudou os(as) estudantes a compreenderem a importância da arte local,

⁴ As fotografias destinam-se somente para registros do processo didático. Para preservar a imagem dos(as) estudantes, as fotos foram recortadas, estando os rostos em imagem modificada com recursos eletrônicos.

estimulando-os a conhecerem nossos artistas e suas projeções em nível nacional.

Embora os(as) estudantes tenham sido orientados(as) a pesquisarem somente sobre obras de arte pública no contexto da cidade de Manaus, alguns grupos não atentaram para esse critério, e apresentaram obras de outras localidades, como a Torre Eiffel (Paris), por exemplo. Não obstante, o conhecimento da arte pública, pertencentes a outros lugares sejam importantes para ampliar o repertório cultural, foi importante, além de explicarmos os conceitos básicos de arte pública, situar os(as) estudantes no espaço territorial em que residem, para que conheçam a arte pública de sua cidade e seus/suas artistas. Com isso, a proposta também pode contribuir não só com o sentimento de pertencimento aos espaços públicos onde ficam essas obras, como a sua apropriação, por serem pertencentes aos espaços públicos de Manaus.

Mas, apesar destes pormenores, a conversa assim se deu nas três turmas de 8ºs anos e o que se percebeu foi que essa realidade acontece com todos, pois a maioria esmagadora destes/tas são moradores do mesmo local. A conversa, no entanto, ajudou a chamar sua atenção para esse tipo de arte, a arte pública, tão próxima de todos nós, mas ao mesmo tempo, tão pouco percebida pela maioria. Foi importante, portanto, fazer esse levantamento inicial para que todos(as) pudessem ficar a par das pesquisas, pois lhes foi explicado o que aconteceria dali em diante, e o porquê estavam sendo convidados a participarem do projeto.

Figura 8 – Registros de socialização



Fonte: próprio autor, 2025

Figura 9 – Registros de socialização



Fonte: próprio autor, 2025

Cada equipe apresentou seu trabalho para sua própria sala. A base de dados para as pesquisas foi a internet, onde a maioria tem acesso, mesmo sendo através do celular, e isso facilitou na obtenção das informações pretendidas. É importante salientar que poucos são os que têm um computador em casa, o que torna o celular, portanto, o aparelho mais acessível para a grande maioria. Muitos usam o celular dos próprios pais ou responsáveis, muitos com limitações de uso da internet, mas que com algum sacrifício, sempre a maioria dentro de cada turma, quando necessário, conseguem efetivar seus trabalhos, como foi o caso dessas turmas com as quais trabalhei. Também importante lembrar, dentro desse contexto real da vida dos(as) nossos(as) estudantes, poucos são os que tem uma impressora em casa. Utilizam, na sua maioria também, casas de impressões gráficas, Lan Houses e outros; uma cota de sacrifício da parte de nossos(as) estudantes, vivida no seu cotidiano.

Figura 10 – Registros de socialização



Fonte: próprio autor, 2025

Figura 11 – Registros de



Fonte: próprio autor

À medida em que as apresentações aconteciam, foi aberto espaço para discussões, onde primeiramente foi franqueada a palavras aos(às) alunos(as) para que comentassem e fizessem perguntas ao grupo que apresentava. Nesse momento, não eram feitos muitos comentários ou perguntas, apenas se limitavam à parabenizar os colegas pela pesquisa. Diante disso, lancei algumas questões problematizadoras relacionadas ao conteúdo apresentado pelos seus grupos, para subsidiar o processo de mediação com os(as) estudantes, tais como:

- Como foi a realização da pesquisa?
- Tiveram alguma dificuldade?
- Já conheciam as obras públicas que apresentaram?
- Das obras apresentadas, alguém já conhecia alguma?
- Quem já viu de perto uma dessas obras?
- Ao pesquisar sobre elas, descobriram alguma curiosidade?

Dentre outras mais, criamos essa dinâmica de perguntas e respostas, buscando envolver toda a turma, o que resultou numa troca de informações significativas no processo de ensino aprendizagem. Observou-se, portanto, pelas respostas, um conhecimento limitado por parte da maioria dos(as) estudantes. Alguns(mas), conheciam várias das obras apresentadas; outros(as), algumas delas; outros(as), quase nenhuma; parte deles(as), não só por foto, como pessoalmente.

Portanto, o conhecimento de ter estado fisicamente diante da maioria das obras, não é um privilégio da maioria, exatamente pelas limitações, causadas por vários fatores como: distância, condições financeiras de se deslocar até esses espaços públicos onde se encontram essa ou aquela obra de arte.

Em vários depoimentos, por exemplo, muitos deles(as) afirmaram já ter passado em frente de algumas das obras apresentadas pelos(as) colegas, seja um grafite, uma escultura ou uma empena, quando estão indo de carro ou ônibus em direção ao centro da cidade, o que demonstra que poucos com alguma frequência se deslocam de suas casas até esses espaços públicos mais distanciados ou, quando em circunstâncias especiais, fizeram ou fazem algum passeio através da escola.

Realizadas essas etapas de apresentações dos grupos, um terceiro momento ainda dentro desse contexto, lhes reapresentei os trabalhos de arte urbana e seus conceitos através dos vídeos apresentados na etapa do percurso exploratório. A ideia aqui foi apresentar uma conceituação diferenciada entre essas duas categorias, “arte pública” e “arte urbana”, embora os dois conceitos estejam relacionados à presença dessas artes no espaço público.

3.3 Etapa da Sala à Praça

As etapas anteriores serviram de preparação para a visita pública com os(as) discentes do 8º ano do Ensino Fundamental em termos teóricos. Para a operacionalização da etapa seguinte algumas providências foram tomadas, dada a complexidade de se levar grupos de estudantes para atividades externas, devido a normas da Secretaria de Educação e mesmo regras advindas das instâncias jurídicas, asseguradas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Inicialmente apresentamos a proposta para a diretora da escola para solicitar anuência para a saída com estudantes, o que requer também a autorização prévia dos(as) responsáveis. Tivemos total apoio da direção da escola e ficou a cargo da

Pedagoga entrar em contato com a Secretaria de Educação para solicitar ônibus, no setor responsável pela concessão de transporte para eventos escolares. Entretanto, não foi possível termos ônibus, com a justificativa de que havia uma suspensão temporária da frota, sem data prevista para a normalização.

Considerando a ausência de ônibus para o transporte dos(as) estudantes na visita, busquei por alternativas que pudessem substituir o ônibus da Secretaria por outro particular, mas não foi possível devido a custos, e cronograma apertado para a realização da atividade. Assim, fiz a proposta à direção para reduzir o número de estudantes que participariam dessa etapa, sugerindo levá-los em nossos carros particulares. Inicialmente havia somente o meu carro, mas depois tive o apoio da professora de Educação Física, que se dispôs a transportar os(as) alunos(as) em seu carro também. A presença de uma professora, passou mais segurança e confiabilidade para os responsáveis, especialmente por considerar a problemática de saída com estudantes menores de idade, onde estariam juntos meninos e meninas, o que infelizmente tem se tornado um aspecto a ser considerado, para a própria segurança do profissional.

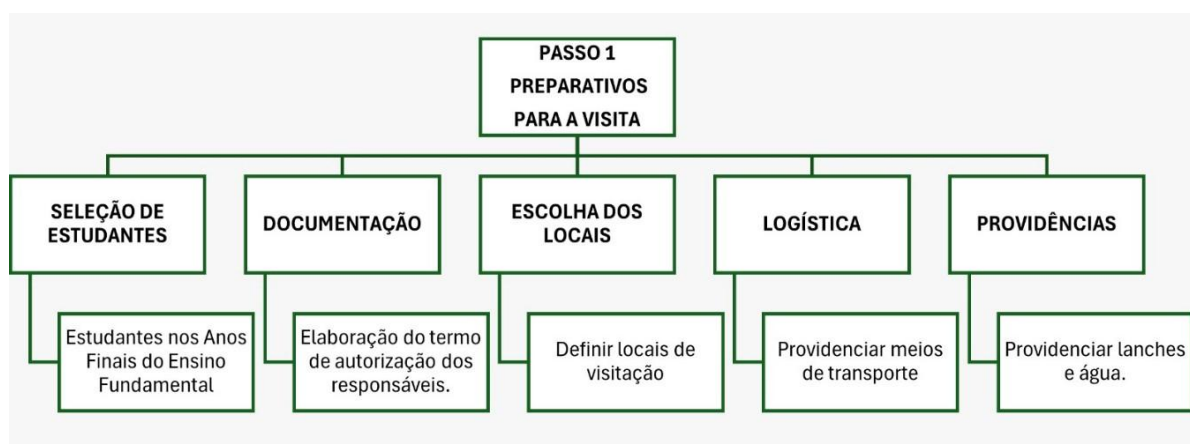
Firmado a parceria, conversei com os(as) estudantes sobre as dificuldades de logística com o transporte e deixei que voluntariamente se indicassem. Fizemos uma pré-seleção de 32 estudantes, entre as três turmas de oitavos anos, dos quais apenas 16 destes participaram efetivamente. O critério de escolha não levou em consideração questões de comportamento ou notas dos estudantes, mas de modo a contemplar e oportunizar os estudantes que só conheciam através de fotos ou mesmo pelas redes sociais. Além desse critério, que tivesse a representatividade dos três oitavos e que fosse garantida a paridade de gênero para garantir a participação de meninos e meninas. Os(as) 16 (dezesseis) estudantes foram distribuídos em dois grupos, sendo oito no primeiro dia, e mais oito no segundo dia, distribuídos em dois carros.

Assim, foram envolvidos(as) 16 estudantes das três turmas, cujo número por turma variou de acordo com os que confirmaram suas idas ou não para a visita, sendo garantido, no caso, a paridade de gênero. A escolha foi estabelecida pelos(as) estudantes, e aqueles(as) que fizeram parte do grupo na visita *in loco* tiveram como contrapartida a socialização com seus colegas, das informações e aprendizados adquiridos durante suas experiências. Houve um propósito, portanto, para que se mantivesse a heterogeneidade desses dois grupos de estudantes que iriam a campo, ainda que em pequenas amostragens, mas que todos pudessem ter a mesma

oportunidade da experiência, estabelecendo assim os primeiros passos da pesquisa-ação enquanto metodologia adotada, para o devido engajamento destes(as) enquanto agentes de transformação, tendo a oportunidade do contato presencial e físico com os objetos da pesquisa.

Com a definição dos(as) estudantes, o passo seguinte foi encaminhar um documento aos(às) responsáveis para explicar os objetivos do projeto, e solicitar autorização para atividade externa e uso de imagem (Apêndices B e C). Inclusive, a seleção prévia dos(as) estudantes foi feita em número maior contando com potenciais desistências, ou até a não-autorização da parte dos(as) responsáveis, o que de fato acabou acontecendo. Considerando que os(as) estudantes ficariam o período de aula em visita, foram providenciados lanches e água para os dois dias de visita, que foram servidos ao final das atividades.

Gráfico 2: Esquema metodológico dos preparativos para a visita de campo

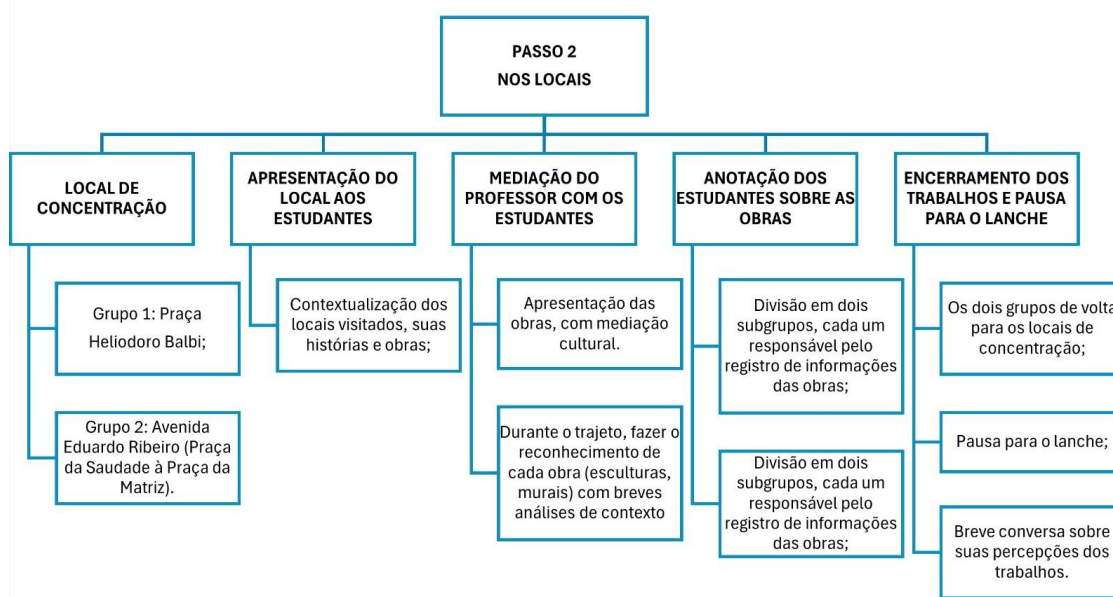


Fonte: próprio autor, 2026

Do ponto de vista dos locais a serem visitados, fiz uma programação distinta para cada grupo. No primeiro dia o grupo 1 fez a visita na Praça Heliodoro Balbi; no segundo dia, o grupo 2 fez um circuito pela Avenida Eduardo Ribeiro, fazendo um percurso que foi da Praça da Saudade, indo até a Praça da Matriz.

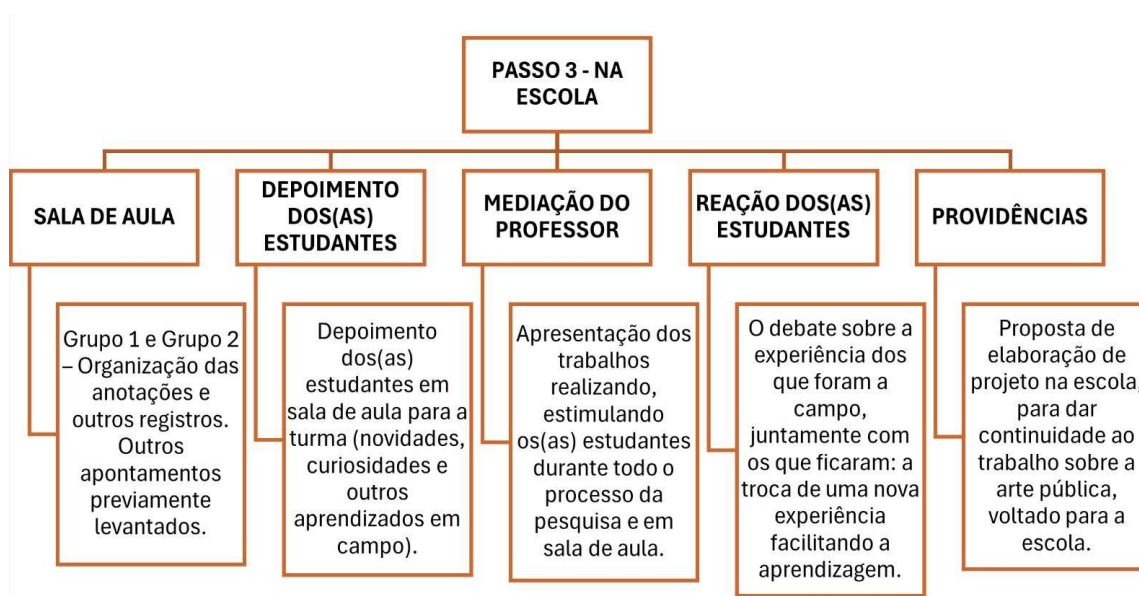
Todos(as) que participaram dessa etapa foram autorizados por seus responsáveis e tivemos apoio total ao projeto, o que garantiu a participação dos(as) discentes de acordo com o que fora planejado. Assim, embora com um número menor, a **etapa da sala à praça** foi realizada com a representatividade das três turmas.

Gráfico 3: Esquema metodológico das atividades de campo



Fonte: próprio autor, 2026

Gráfico 4: Esquema metodológico das atividades na escola



Fonte: próprio autor, 2026

Os trabalhos de campo, necessários como complemento para o entendimento e compreensão de todo o processo de levantamento das obras de arte pública bem como

as pinturas murais de prédios, grafites e outros, foram realizados no dia 16/09/2025 com o grupo I e no dia 19/09/2025 com o grupo II.

3.3.1 Uma aventura inusitada

A princípio, propor uma saída com estudantes para uma atividade em espaços fora da escola, parece ser comum e fácil ao mesmo tempo. No entanto, algumas barreiras se impõem à nossa frente, exigindo uma equação matemática que favoreça todas as partes envolvidas no evento. A primeira delas, e talvez a maior, seria a própria logística, fundamental para que todo o processo de ida e volta dos estudantes para este ou aquele local desejado aconteça de forma satisfatória dentro daquilo que fora planejado, sobretudo quando se trata de escola pública, onde você depende de vários fatores, importantes para a efetivação do projeto. Mas, como bem já disse o poeta português, Fernando Pessoa, em seu poema *Mar Português*: “Tudo vale a pena, quando a alma não é pequena”, então fomos à “luta”.

Primeiro, me preparei do ponto de vista pessoal. Fazer um trabalho de arte com estudantes fora daquele quadrado da sala de aula ao qual estamos acostumados no dia a dia já nos faz respirar outros ares, quanto mais um trabalho de nível acadêmico, quando a responsabilidade dobra de tamanho. Portanto, nesses momentos em que verdadeiramente saímos de nossas zonas de conforto, enquanto arte-educadores, há uma necessidade de um malabarismo, que muitas vezes vai além de nossas condições como professores da rede pública.

Mas, há uma satisfação intrínseca nesse processo, quando encontramos um(a) diretor(a) disposto a comprar nossa ideia, ainda mais numa atividade vinculada a uma instituição oficial, como no caso da Ufam/UEA, à qual está vinculado meu projeto de pós-graduação. Foi o que aconteceu comigo, nesse projeto de ida a campo com estudantes da minha escola, ao qual a diretora, com apoio de sua pedagoga, se colocou muito solícita e facilitou em tudo que foi necessário para a devida organização desse evento. É preciso ressaltar que o(a) gestor(a) da escola em que se trabalha, é a primeira pessoa a qual devemos estabelecer parceria, e assim o fiz, uma vez que em muitas escolas, sejam elas estaduais ou municipais, não se tem a anuência de seus gestores em casos de projetos como este.

Parte importante de todo esse processo, a pergunta inicial que fiz a mim mesmo: “Como prepararia tudo para que tudo desse certo.

Esse questionamento inicial é o start para o início de todos os preparativos. Eu já havia fechado anteriormente com a professora de Educação Física da minha escola, que foi minha parceira nesse empreendimento; os(as) estudantes, devidamente selecionados, com todas as documentações legais a postos; os locais de destino já mapeados etc., nossos carros que iriam levá-los igualmente preparados; nosso encontro acertado e combinado no primeiro horário da escola, e então partimos para o desafio.

A temperatura no dia em que fomos para a rua, nos dois dias de visita, estava elevada, muito ensolarados, com nuvens esparsas, mas de uma luminosidade que fazia aflorar as cores da cidade. Embarcamos, então, em direção ao nosso destino. A própria trajetória de ida – lembrando que estávamos saindo do bairro Cidade Nova em direção ao centro da cidade -, já teve de cara, um trânsito carregado, que nos fez desviar a rota. Combinamos, eu e a colega professora que nos acompanhou nas visitas, de seguirmos juntos no mesmo trajeto, no entanto, acabamos por tomar direções contrárias devido a essa situação, entrando por vias desconhecidas, quase que nos perdendo, o que tornou a situação um tanto quanto hilária.

Enfim! Com a ajuda do indispensável Google Map nos reencontramos e seguimos por outra rota até o nosso destino. Os(as) estudantes, ligeiramente assustados, mas calmamente apreensivos, respiraram aliviados e seguimos. Para não tornar a viagem maçante, já que iria demorar mais do que o normal, devido ao trânsito intenso, sugeri ouvirmos música, ao que todos vibraram, pois já pareciam estar mais entusiasmados, embora tímidos em suas expressões. E assim prosseguimos viagem, agora, de forma mais descontraída, sorrindo, um ou outro contando se tivera tido ou não essa experiência da visita às praças e ruas do centro da cidade, ou identificando lugares que já estiveram antes, e assim, sucessivamente. Embora, uma timidez aparente quando fora da sala de aula, eles(as) acabam deixando transparecer um certo ar de felicidade.

Para enfrentar esse dia de calor, preparei com bastante antecedência que não lhes faltasse água e um lanche para saborearem após os percursos realizados na praça Heliodoro Balbi e no trajeto da nossa avenida Eduardo Ribeiro, da Praça do Congresso à Praça da Matriz, os dois locais definidos para a minha pesquisa. Ao final de nossas atividades, os estudantes se esparramaram no coreto central da praça, pelas escadas e parapeitos, para degustarem o lanche que eu mesmo havia preparado. Ainda um pouco cansados do calor que fazia no momento, ao mesmo tempo absortos, era

possível vê-los cochichar entre si sobre a “aventura” que acabavam de realizar. Para alguns deles(as), era a primeira vez, mas no geral, percebia-se claramente uma alegria contida em todo o grupo, o que por conseguinte, me alegrou bastante ao ver que era um momento inusitado para eles, no sentido de um encontro com a arte pública.

A primeira visita foi no dia 16/09/2025, na Praça Heliodoro Balbi.

Figura 12 – Vista aérea da Praça Heliodoro Balbi



Fonte: Portal Amazônia. Foto - Reprodução/RBarcos

Disponível em: <https://portalamazonia.com/amazonas/diferentoes-conheca-esculturas-situados-na-praca-heliodoro-balbi-em-manaus/> Acesso em: 20 mar. 2026.

A praça Heliodoro Balbi é exemplo de um espaço de convivência social, onde possui diferentes obras de arte pública, sendo uma das praças da cidade que assume esse papel central nesse processo. Esculturas e monumentos dialogam com o seu uso diário, muitas vezes de forma silenciosa, como dito anteriormente, mas sempre cumprindo com o seu papel de espaço de conexão entre os que dela usufruem.

Nela há uma vida intensa e dinâmica, que se traduz no vendedor de balas, no vendedor de picolé, nas crianças brincando por entre calçadas e a grama da praça, no guarda municipal que a protege, em homens aposentados que se unem para jogar uma dama, um dominó, na antiga banca de revistas com seu estilo retrô, no coreto onde casais se encontram para um namorisco nos finais de tarde ou mesmo naqueles que apenas se sentam nos velhos bancos da praça apenas esperando o tempo passar, e assim por diante.

Quando confrontados com aquele espaço, somente referenciado nas aulas de

Arte a partir de informações e dos livros didáticos, os estudantes compreenderam que a arte com a qual tiveram que se encontrar, dentro daquele contexto específico, não interrompe com a vida urbana quando se trata dos espaços públicos, e sim a acompanham, permitindo uma leitura de várias camadas do uso funcional desses espaços. Fruto de sua própria experiência naquele momento de registro, puderam ter também a oportunidade da experiência estética, quando de seus momentos diante das várias obras instaladas na praça, muito antes de quaisquer mediações formais.

Figura 13 – Registros fotográficos da visita à Praça Heliodoro Balbi



Fonte: próprio autor, 2025

No segundo dia de visita (19/09/2025) realizamos um trajeto pela Avenida Eduardo

Ribeiro, fazendo um percurso que foi da Praça da Saudade, indo até a Praça da Matriz.

Figura 14 – Imagens das atividades no percurso da Avenida Eduardo Ribeiro, Praça da Saudade e Praça da Matriz



Fonte: próprio autor, 2025

“Finalmente, aterrissamos em terra firme”, diria um piloto de uma aeronave aos seus passageiros, depois de mais um plano de voo bem-sucedido, apesar de algumas intercorrências antes da partida de origem e algumas turbulências durante o voo. Assim nos sentimos, professor(a) e estudantes, cada grupo no seu dia específico. Tudo certo, e com “céu de brigadeiro”, ainda completaria o piloto.

Assim, chegamos em nossos destinos! Conforme já mencionado anteriormente, traçamos nossos percursos em dois pontos específicos, no primeiro dia, com o primeiro

grupo: Praça Heliodoro Balbi, popularmente conhecida como “Praça da Polícia”; e, no segundo momento, com o segundo grupo: no percurso que foi da Praça do Congresso à Praça da Matriz, em frente à igreja católica que lhe dá o nome, Igreja da Matriz, passando entre esses dois pontos, por toda a extensão da avenida Eduardo Ribeiro, onde se encontram as obras de arte urbana, as pinturas murais, completando assim nosso trajeto planejado.

Essa etapa teve como propósito, apresentar aos(as) estudantes a praça em questão, e dela se apropriarem, assim como os prédios onde estão muitas das pinturas dos nossos artistas locais, os nossos chamados artistas urbanos. Desta forma, como as visitas aconteceram em dois dias diferentes, os trabalhos realizados serão explanados separadamente, conforme relato a seguir.

A princípio - e isso se deu nos dois momentos específicos das nossas visitas -, procurei lhes apresentar a praça Heliodoro Balbi, de forma descontraída, ao mesmo tempo que lhes explicava o motivo daquele nosso trabalho ali, naquela praça, contando-lhes algumas histórias sobre ela, como, por exemplo, de que é conhecida também como “Praça da Polícia”, o que já de cara suscitou a pergunta do motivo desse outro nome. Ao ouvirem esse começo de história, dos(as) que já conheciam o atual Palacete Provincial, acharam curioso, pois não imaginavam que aquele prédio tão pomposo, hoje um complexo cultural dos mais importantes da cidade, um dia já pertenceu à polícia militar do Amazonas, o que deu origem a esse nome.

Para familiarizá-los ainda mais àquele ambiente, contei-lhes sobre as décadas mais passadas, onde as pequenas pontes por sobre o lago, com ares nostálgicos, assim como o Coreto no centro da praça, serviam para os encontros dos casais – ao que todos(as) se entreolhavam, dando risadas tímidas, talvez achando estranho esses comportamentos, ou até mesmo imaginando a cena, o que para os(as) desta geração soa um tanto quanto esquisito mesmo, segundo seus linguajares. Mas, essas e outras historietas foram importantes naquele momento porque aos poucos eles(as) foram se soltando e relaxando, deixando seus olhares percorrerem toda aquela área a ser explorada, agora, de uma outra forma.

Iniciamos dividindo em dois grupos, que se espalharam pela praça, com papel para as anotações. Cada grupo seguiu em direção à uma escultura, e todos(as) deveriam inicialmente, mas de forma individual, tentar entender o que aquela obra significava, ou simbolizada, segundo suas leituras. Eles(as) podiam, depois, conversar entre si, para que um contasse sobre sua impressão ao outro. Uma dinâmica criada

para que eles se familiarizassem inicialmente com as próprias obras também, e aí em seguida, fazerem as devidas anotações sobre cada uma delas. E assim o fizeram.

No entanto, como eles(as) mesmos(as) puderam constatar, várias das placas já estavam violadas e/ou sequer existiam, pois muitas foram vandalizadas com o passar do tempo – a depredação do espaço público, de certa forma, sempre existiu, e isso contribui consideravelmente para o apagamento da história, pois muitas obras, inclusive, foram e continuam sendo subtraídas do local há décadas. Ainda assim, foi possível levantar o nome e o títulos de várias delas, assim como o nome de seus autores.

3.4 Da praça à escola: segunda socialização

Após a finalização da etapa da visita, partimos para a última fase da pesquisa-ação, momento em que os(as) estudantes que participaram das visitas *in loco* fizeram a socialização das experiências com os(as) demais estudantes dos oitavos anos, cada um em sua própria sala. Essa parte foi realizada por meio de roda de conversa, e foram apresentadas no Data Show as fotos tiradas nos dias de visita.

À medida que iam falando da experiência, era perceptível a satisfação dos narradores pela vivência realizada, bem como a curiosidade de quem ouvia também. Essa fase consolidou os estudos já feitos nas etapas anteriores, quando também foi debatido o assunto da arte pública da cidade de Manaus. Mas, com a experiência de visita *in loco* assuntos como preservação e conservação do patrimônio público puderam ser explorados.

Como previsto no projeto didático, a parte seguinte à socialização em sala, os estudantes teriam o momento para produzirem vídeos-síntese do processo. Contudo, essa atividade não foi realizada, sendo a apresentação de socialização apenas com as fotos e os vídeos feitos pelos estudantes em seu estado original, sem ter tido a edição. Embora essa parte não tenha sido realizada em função da finalização do ano letivo em 2025, foi possível garantir que a socialização fosse feita, mesmo sem a produção dos vídeos editados.

A experiência nos ensina a compreender a importância desses espaços, para os quais convergem todas as pessoas de uma mesma cidade. As praças estão abarrotadas de simbolismos e significados, e nos contam muitas histórias, de muitos matizes, capazes de apreender a atenção de quem por elas se interessam, mas que

também sabem o valor de sua manutenção e conservação no tempo e no espaço. Nossos(as) estudantes tiveram essa oportunidade, a partir do momento que lá estiveram, não como um mero passeio aleatório, mas quando de uma oportunidade de conhecer um pouco mais profundo sobre os valores, os símbolos e as histórias que compõem aquela paisagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Ensinar exige consciência do inacabamento.
Na verdade, o inacabamento do ser ou sua
inconclusão é próprio da experiência vital.
Onde há vida, há inacabamento.*

(FREIRE, 2003)

Ao final desse processo de pesquisa, a sensação de que algo a mais poderia ser vivencia e ter sido dito é verdadeiro. Mas, para evitar que se pense apenas pelo que poderia ser, recorro ao que aprendemos com Paulo Freire sobre o sentido do inacabamento. Sim, por sermos inacabados, nossas obras são sempre provisórias a um tempo, que podem ser aperfeiçoadas com o nosso próprio crescimento humano.

A realização dessa proposta se pautou na proposta que visa pensar as aulas de Arte como momentos que podem ser realizados em diferentes espaços, e não somente a sala de aula, ou mesmo a escola. Ter a cidade como uma grande escola, que abriga artes em diferentes estilos e formas, representa importante recurso para o desenvolvimento de propostas pedagógicas diferenciadas.

Observamos, que esse tipo de ação dentro de uma escola não é uma tarefa simples, pois envolve a saída de estudantes, aspecto nem sempre visto com muita receptividade pela gestão da escola, mas também pelos órgãos superiores da Secretaria. Contudo, romper essas barreiras também faz parte do processo.

Pensar a cidade de Manaus como campo para estudos e experimentações para aulas de Arte foi desafiador em função das condições objetivas, nem sempre possíveis ao professor. Isso se diz uma vez que a realização da etapa de visita *in loco* só foi possível pelo voluntarismo de seus/suas docentes, o que não é o ideal, mas nesse caso foi o nosso possível.

Importante citar nessas considerações finais, também, que há produções locais importantes que ajudam a pensar a cidade de Manaus em seu potencial de arte pública, o que relevamos como importante nesse estudo. Importante, ainda. Mencionar a satisfação nos rostos dos(as) estudantes que embarcaram “nessa aventura inusitada” pelo centro da cidade de Manaus para ter um encontro com a sua arte.

Observamos, que esse tipo de ação dentro de uma escola não é uma tarefa simples, pois envolve a saída de estudantes, aspecto nem sempre visto com muita

receptividade pela gestão da escola, mas também pelos órgãos superiores da Secretaria. Contudo, romper essas barreiras também faz parte do processo

Pensar a cidade de Manaus como campo para estudos e experimentações para aulas de Arte foi desafiador em função das condições objetivas, nem sempre possíveis ao professor. Isso se diz uma vez que a realização da etapa de visita *in loco* só foi possível pelo voluntarismo de seus/suas docentes, o que não é o ideal, mas nesse caso foi o nosso possível.

Importante citar nessas considerações finais, também, que há produções locais importantes que ajudam a pensar a cidade de Manaus em seu potencial de arte pública, o que relevamos como importante nesse estudo. Importante, ainda. Mencionar a satisfação nos rostos dos(as) estudantes que embarcaram “nessa aventura inusitada” pelo centro da cidade de Manaus para ter um encontro com a sua arte.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Francisco (Org.). **Experiências em Arte Pública**: Memória e Atualidade. Porto Alegre: Artfolio; Editora da Cidade, 2008.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. Tradução de Pier Luigi Cabra. 4 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

BRASIL. IBGE. Dados de Manaus, 2025. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/manaus/panorama> Acesso em: 01 mar. 2026.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. **História - Manaus (AM)**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1214/> Acesso em: 01 mar. 2026.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
DIAS, Edineia Mascarenhas. **A ilusão do fausto**: Manaus, 1890-1920. 3.ed. Manaus: Valer, 2019.

DUARTE, Durango Martins. **Manaus entre o passado e o presente**. 1. ed. Manaus: Ed. Mídia Ponto Comm, 2009.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Essa Manaus que se vai**. Instituto Census Ed, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à Pesquisa Científica**. Campinas: Editora Alínea, 2001.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2003.

LEFEBVRE, Henry. **Direito à cidade**. São Paulo. Centauro, 2001.

MARTINS, Mírian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte**: A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo, FTD, 1998.

MESQUITA, Otoni. **Manaus**: história e Arquitetura (1669–1915). 4 ed. revisada e ampliada. Manaus: Editora Valer, 2019.

NASCIMENTO, Maria Evany do. **Patrimônio e Memória da Cidade**: Monumentos do Centro Histórico de Manaus. Dissertação (Sociedade e Cultura na Amazônia) - Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas. Manaus. p. 86. 2003.

NEVES, J.L. **Pesquisa Qualitativa** - Características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, 1996.

PALLAMIN, Vera M. **Arte Urbana**: São Paulo: Região Central (1945 –1998) obras de caráter temporário e permanente. Annablume: Fapesp, São Paulo, 2000.

PAREYSON, Luigi. Os problemas da estética. Tradução de Maria Helena Nery Garcez, São Paulo: Martins Fontes, 1966.

PORCHER, Louis. **Educação Artística**: luxo ou necessidade? São Paulo: Summus, 1982.

REGATÃO, José Pedro Rangel dos Santos. **A arte pública e os novos desafios das intervenções no espaço urbano. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007.**

REGATÃO, José Pedro Rangel dos Santos (2015) – Dossiê temático: arte pública. **Convocarte**, Revista de Ciências da Arte, n. 01, dez. Belas Artes, Lisboa, 2015.

SILVA, F.P. **Arte pública**: diálogo com a comunidade. Belo Horizonte: C/Arte, 2005.

SAMPAIO, Patrícia Melo (Org.). **Posturas municipais, Amazonas (1838-1967)**. Manaus: EDUA, 2016.

SANCHES, Pilar Pinheiro. **Arte pública e política**: desejo de democracia? Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

SILVA, F.P. **Arte Pública**: Diálogo da Pluralidade. XXIV Colóquio CBHA. 2004.

Disponível em:

http://www.cbha.art.br/coloquios/2004/anais/textos/33A_fernando_pedro.pdf

Acesso em: 01 nov. 2022.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 2009.

ANEXOS



Ministério da Educação
Esplanada dos Ministérios - Bloco
L
70047-900 – Brasília/DF

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ATIVIDADE EXTERNA E USO DE IMAGEM DE MENOR DE IDADE

Eu, (nome do responsável) _____
_____, nacionalidade _____, estado _____ civil
_____, portador(a) da Cédula de Identidade, RG nº _____, CPF
nº _____, residente _____ no _____ endereço

representante legal de (nome do menor) _____
_____,
nacionalidade _____, nascido(a) em ____/____/____,

CPF nº _____, menor de idade, **AUTORIZO a saída para atividade externa, especificamente no centro de Manaus, no dia 16 ou 19 de setembro do corrente ano, que se dará em dois grupos distintos, do(a) menor aqui descrito(a), bem como o uso de sua imagem, texto e voz para divulgação exclusivamente no meio acadêmico (Universidade Pública) e registros da escola, além de fazer parte dos materiais advindos do projeto de Mestrado “Arte Pública: costume de sala vai à praça”, de autoria do aluno de mestrado da UFAM – Universidade Federal do Amazonas, Profº Domingos Rocha, da disciplina de Artes desta escola, Emef RAIMUNDO TEODORO BOTINELLY ASSUMPÇÃO, e da qual é funcionário efetivo.** Por esta ser a expressão da minha vontade, concedo esta autorização para a saída e uso de imagem do(a) menor acima citado(a) a título gratuito, sem que nada haja a ser reclamado posteriormente para efeitos de direitos conexos à sua imagem ou a qualquer outro e, ciente desta condição, assino a presente

Autorização. Manaus, ____/____/2025

Responsável Legal

Telefone para contato
Nome do(a) menor:

APÊNDICE A



PROJETO DIDÁTICO

COSTUME DE CASA VAI À PRAÇA

Prof. Domingos do Carmo Siqueira da Rocha

INTRODUÇÃO

O presente projeto didático corresponde ao produto educacional desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional em Artes, e intitula-se **Arte Pública: costume de sala vai à praça**. O mesmo se justifica pela necessidade de explorar o potencial artístico da arte pública, instalada em praças do centro da cidade de Manaus, assim como as pinturas murais e empenas⁵ nos vários prédios espalhados em suas adjacências. Sua finalidade se direcionou para promover processos de pesquisa sobre arte pública, experimentação estética e mediação entre arte e público no contexto da Educação Básica, com estudantes de uma escola pública dos Anos Finais do Ensino Fundamental de Manaus. O estudo buscou, sobretudo, ampliar as possibilidades pedagógicas do ensino de arte a partir dessa temática, comumente restrita ao espaço da sala de aula, para proporcionar uma forma diferenciada de acesso às artes pelos(as) estudantes, bem como a leitura e fruição *in loco* de arte pública presente na cidade em que vivem.

O título do projeto foi inspirado e teve por analogia a expressão popular “**costume de casa vai à praça**”, para refletir sobre a importância de as ações

⁵ Paredes externas dos edifícios, parte cega na qual não há janelas, e onde são pintados os grafites em grande escala.

pedagógicas realizadas na escola também serem vivenciadas fora dela. Assim, o projeto propôs romper com as experiências somente restritas à sala de aula, para ampliar as vivências dos(as) estudantes em outros ambientes, e promover uma experiência estética diferenciada com o objetivo de explorar os espaços públicos da cidade de Manaus, reconhecer e apreciar suas obras de arte pública.

PÚBLICO ALVO

Estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental

OBJETIVOS

Geral

Explorar o potencial artístico da arte pública do centro da cidade de Manaus, no desenvolvimento de pesquisa, experimentação e mediação arte/público, com estudantes de uma escola pública dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Específicos

- Pesquisar sobre as produções arte pública, arte urbana ou arte de rua e socializar seus resultados;
- Mapear obras de arte localizadas em praças, murais e empenas do centro da cidade de Manaus;
- Promover processos de mediação cultural com os(as) estudantes, tendo como objeto de análise as obras de arte pública em Manaus;
- Produzir vídeos-sínteses, com uso de equipamentos como celular, programas que estejam acessíveis para discentes e docentes para o registro das atividades realizadas na visita aos espaços públicos.

CONTEÚDO(S)

- ✓ Conceito de Arte e de Arte Pública;
- ✓ Arte pública da cidade de Manaus;
- ✓ Artistas manauaras que trabalham com arte pública.

DESENVOLVIMENTO DAS ETAPAS DO PROJETO

1. PERCURSO EXPLORATÓRIO

AÇÕES E RECURSOS	TEMPO ESTIMADO
1. <u>Fase preparatória</u>: Apresentação de vídeos curtos para subsidiar o processo de orientação dos(as) estudantes para a realização das pesquisas sobre arte pública, arte urbana ou arte de rua. Sugestão de vídeos: Vídeos: Arte urbana ganha espaço em Manaus. TV Acrítica. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zlCDDJXVUEI Crescimento da arte urbana de Manaus. Portal Mercatizar. Disponível em: https://www.youtube.com/shorts/C9-92QUZfP4. Raiz Campos: o artista representando a arte Amazônica Gente do Norte. Amazon SAT. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lzzyP0FJOUg <u>Processo de mediação</u>: Após a apresentação dos vídeos e imagens fazer o processo de mediação a partir das seguintes questões norteadoras: ✓ Qual tipo de arte você acabou de ver, tanto no vídeo quanto nas imagens? ✓ Olhando todo esse cenário mostrado nos vídeos, onde vocês acham que é esse local, exatamente? ✓ Quem já esteve nesse local? ✓ Essas obras aqui, onde ficam? (problematizar indicando as imagens).	Atividade a ser desenvolvida em duas aulas em cada turma, para explorar bem o conteúdo. Cada aula corresponde 50 minutos.
2. <u>Realização de pesquisa prévia</u>: Dividir a turma em grupos para que pesquisem sobre arte pública, arte urbana ou arte de rua no contexto da cidade de Manaus.	Aproximadamente duas semanas para a realização da atividade de pesquisa prévia pelos grupos.

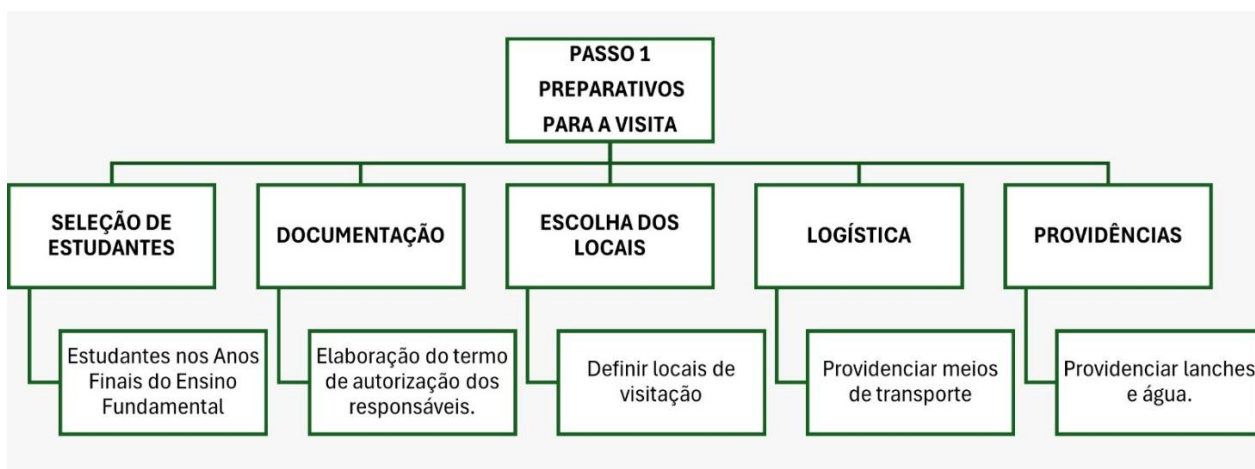
2. ETAPA DA PRIMEIRA SOCIALIZAÇÃO

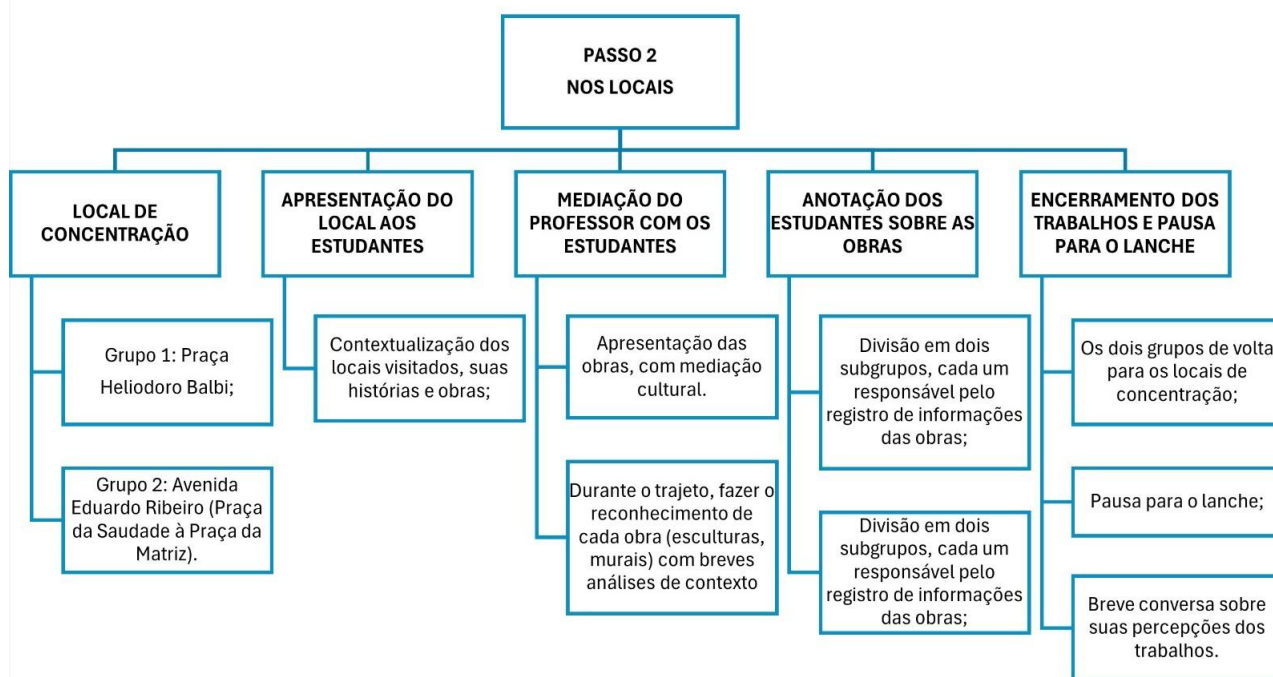
AÇÕES E RECURSOS	TEMPO ESTIMADO
1. Os grupos deverão apresentar o resultado da pesquisa para a turma, usando recurso diversos (cartazes, PPT etc); 2. Após a apresentação do resultado das pesquisas fazer o processo de mediação a partir das seguintes questões norteadoras: ✓ Como foi a realização da pesquisa?	Estima-se que a socialização seja realizada em duas aulas consecutivas. Cada aula corresponde 50 minutos.

✓ Tiveram alguma dificuldade? ✓ Já conheciam as obras públicas que apresentaram? ✓ Vocês conheciam (ou não conheciam) alguma das obras apresentadas pelos(as) colegas?	
--	--

3. ETAPA DA SALA À PRAÇA

AÇÕES E RECURSOS	TEMPO ESTIMADO
1. Organizar dois grupos para visita aos espaços públicos:	4 horas para a realização da atividade, considerando o traslado.





4. ETAPA DA PRAÇA À SALA: SEGUNDA SOCIALIZAÇÃO

AÇÕES E RECURSOS	TEMPO ESTIMADO
1. Socialização das experiências pelos alunos que participaram da visita aos espaços públicos por meio de rodas de conversa nas turmas.	1 aula de 50 minutos.
2. Produção de vídeos-síntese pelos estudantes que participaram da visita aos espaços públicos para registro da experiência, e posteriormente realizar uma mostra dos vídeos na escola.	Aproximadamente duas semanas para a realização e atividade. Combinar a apresentação dos vídeos com a direção da escola, visando reunir os(as) estudantes na ação.

AVALIAÇÃO

O processo de avaliação do projeto será feito mediante o *feedback* dado pelos(as) ao longo dos processos das atividades, seus envolvimento com a proposta e participação no sprocessos de mediação.

A produção dos vídeos-síntese pelos estudantes também corresponde ponto de avaliação, momento em que será possível analisar suas aprendizagens com a experiências realizada.

REFERÊNCIAS

- ALVES, José Francisco (org.). **Experiências em Arte Pública**: Memória e Atualidade.
- COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15ªed.Editora Brasiliense, São Paulo –SP,1995.
- PALLAMIN, Vera M. **Arte Urbana**: São Paulo: Região Central (1945 –1998) obras de caráter temporário e permanente. Annablume: Fapesp, São Paulo, 2000.
- REGATÃO, José Pedro Rangel dos Santos (2003) – **A arte pública e os novos desafios das intervenções no espaço urbano**. Lisboa: Faculdade de Belas Artes. Tese de mestrado.
- REGATÃO, José Pedro Rangel dos Santos (2015) – Dossiê temático: arte pública. **Convocarte**, Revista de Ciências da Arte, n. 01, dez. Belas Artes, Lisboa, 2015.
- SILVA, F.P. **Arte pública**: diálogo com a comunidade. Belo Horizonte :C/Arte,2005.
- SILVA, F.P. **Arte Pública**: Diálogo da Pluralidade. XXIV Colóquio CBHA. 2004. Disponível em: http://www.cbha.art.br/coloquios/2004/anais/textos/33A_fernando_pedro.pdf Acesso em 01 nov. 2022.

APÊNDICE B
E.M. RAIMUNDO TEODORO BOTINELLY – 2025

**CARTA DE ESCLARECIMENTO SOBRE
A ATIVIDADE EXTRA-CLASSE**

Prezado(a) responsável legal pelo(a) estudante portador deste documento em mãos, para efeito de esclarecimento do que se trata, explico a seguir:

Sou o profº Domingos Rocha, da disciplina ARTES do Ensino Fundamental, período Matutino, da escola RAIMUNDO TEODORO BOTINELLY ASSUMPÇÃO, e faço atualmente um curso de pós-graduação (MESTRADO) na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), cujo tema do meu projeto é “ARTE PÚBLICA: Costume de Sala vai à Praça”.

Como parte do meu curso, está uma atividade de campo, a qual defini trabalhar com um grupo pequeno de estudantes dos três 8ºs Anos da escola Botinelly, por ser a escola em que trabalho, pois faz parte do meu projeto de Mestrado trabalhar com uma parcela desses estudantes em campo, ou seja, fora da escola, precisamente nas praças do centro da cidade.

Com o aval da escola, ou seja, com a devida autorização desta escola, na pessoa de sua Gestora, **professora Maurilene Monteiro**, que está ciente e apoiando este meu projeto, é que estou entrando em contato com os responsáveis legais destes estudantes.

DETALHES DA ÍDA AO CENTRO:

1. Serão dois grupos de 8 estudantes cada, que sairão em dois carros, sendo um grupo na terça, 16/9; e o outro, na sexta, 19/9;
2. Como forma de segurança institucional em relação aos estudantes e maior credibilidade, haverá a ajuda da **professora MARA**, de Educação Física, que me ajudará levando parte dos estudantes até o centro e acompanhando todo o processo até o nosso retorno à escola;
3. Toda a atividade se dará no mesmo horário de aula, ou seja, pela manhã, sem prejuízo algum dos estudantes, ainda que estes venham a ter alguma atividade valendo nota, pois serão autorizados a realizar tais atividades em outro dia;
4. Sairemos da escola entre 7:00h e 7:30h, e a chegada, entre 11:00h e 11:30h, no máximo;
5. Em relação às atividades propriamente, um grupo fará um trajeto que sairá da Praça do Congresso até o conhecido RELÓGIO e Praça da Matriz, no centro da cidade; e o outro grupo, se manterá na Praça Heliodoro Balbi, antiga Praça da Polícia, também localizada no centro da cidade;
6. Como segurança alimentar dos estudantes durante as atividades nesses locais, será oferecido água e um lanche ao final, não sendo necessário eles levarem alimentos de casa;

SELEÇÃO DOS ESTUDANTES QUE IRÃO PARTICIPAR:

Os alunos em posse destes documentos, **CARTA DE ESCLARECIMENTO** e do **TERMO DE AUTORIZAÇÃO** em anexo, são os estudantes pré-selecionados e, portanto, devem trazê-los assinados até a próxima sexta, 12/9, sem falta. Na segunda-feira, 15/9, daremos o nome dos que foram selecionados e estes já deverão ter trazidos seus documentos devidamente assinados pelos seus responsáveis legais.

Contando com sua preciosa compreensão, desde já agradeço e fico à sua inteira disposição para maiores esclarecimentos, deixando meu número para contato (9 9158-5701 cel/zap), ou ainda, se preferir, presencialmente na própria escola, para tirar possíveis dúvidas.

Atenciosamente,

Profº Domingos Rocha